



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - IG  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



## **MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES PERNAMBUCANOS PARA O MUNICÍPIO DE CUBATÃO/SP NOS ANOS 1970-1990**

Orientando: Eduardo Antonio Garcia Argañaraz

Trabalho apresentado à disciplina  
GF-814 – Monografia II  
como requisito para a obtenção  
do Grau de Bacharel em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos

Campinas - SP  
Janeiro de 2015

*Dedicado às vítimas da Vila Socó.  
Que o povo cubatense nunca mais volte a pagar  
o caro e amargo preço do progresso.*

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, professor Vicente, pelo apoio e tempo dispendido para me ajudar a compreender melhor o tema das migrações, sem sua orientação este trabalho nunca teria sido possível.

Aos meus pais por uma vida de carinho e incentivo para superar meus limites e atingir meus objetivos. Devo a eles a conclusão da minha graduação e toda a vida.

Aos amigos em Campinas e em Cubatão – amigos de república, de sala de aula, de infância e de toda a vida –, pelos momentos felizes que sempre guardarei na memória. Também pela paciência e compreensão nos tempos que me ausentei de seu convívio para a conclusão deste trabalho.

Aos funcionários do Arquivo Histórico de Cubatão, pela disposição em ajudar e apoio com materiais para pesquisa que só poderiam chegar a mim através de suas mãos.

A todos que me concederam entrevistas e ajudaram a viabilizá-las. Suas histórias de vida e a pronta disposição em ajudar serão para sempre um exemplo a ser seguido.

## SUMÁRIO

Introdução.....	5
1.Caracterização da área de estudos.....	7
1.1 O município de Cubatão.....	8
1.2 Cubatão como Distrito Industrial.....	14
1.2.1 Usina Henry Borden (UHB) de Cubatão.....	15
1.2.2 A Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ).....	18
1.2.3 A Rodovia Anchieta.....	20
1.2.4 Rodovia dos Imigrantes.....	22
1.2.5 A Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC) e a indústria petroquímica.....	24
1.2.6 Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA).....	30
2. Migrações: Conceitos e teorias.....	33
2.1 As migrações internas durante a industrialização brasileira.....	37
2.2 Papel das Redes Sociais no Processo Migratório.....	39
2.3 Histórico da Migração Nordestina para São Paulo.....	40
3. As migrações e redes migratórias: o caso de Cubatão.....	44
3.1 A intensa migração para Cubatão a partir da década de 1960.....	45
3.2 Migração nordestina em Cubatão.....	49
3.3 Migração pernambucana em Cubatão.....	51
4. Entrevistas: a história oral.....	57
4.1 Local de origem, motivos da saída: o começo da vida de migrante.....	58
4.2 A questão da moradia em Cubatão: se estabelecendo na cidade.....	65
4.3 A natureza itinerante do trabalhador migrante.....	66
4.4 A decadência do polo: poluição, demissões, privatizações.....	67
4.5 Atualmente: percepção da cidade e relação com a terra natal.....	69
Considerações finais.....	71
Referências Bibliográficas.....	74

## **Introdução**

O objetivo deste trabalho é contribuir modestamente para preencher uma lacuna existente nos estudos sobre a cidade de Cubatão: os estudos específicos sobre a migração.

Muito embora o tema das migrações esteja presente em praticamente todos os trabalhos sobre o município, estudos que tratassem somente deste tema, tão importante na história cubatense, são raros.

Conforme será evidenciado com dados demográficos ao longo deste trabalho, os pernambucanos são o maior grupo migrante no município, com a maioria chegando à Cubatão durante os anos 1970. Pareceu assim que este seria o tema ideal para esta monografia.

O trabalho se inicia com a contextualização da área – o município de Cubatão –, dando ênfase para um ponto de vista histórico, que demonstrasse o melhor possível o volume e os impactos da atividade industrial na cidade, na sua origem, auge e decadência. Apesar do foco histórico, tratou-se de trabalhar outros aspectos da cidade, como o fator locacional, o contexto nacional e mesmo no que diz respeito ao espaço físico da cidade, suas características hidrológicas, geomorfológicas e climáticas.

Em seguida há uma abordagem das teorias e conceitos migratórios utilizados para o estudo do caso em questão, essenciais para entender a linha de raciocínio teórica seguida em seu desenvolvimento, buscando relacioná-los com o município. O tema das migrações internas no Brasil e do mecanismo das redes sociais também estão presentes neste capítulo, que encerra-se com um histórico da migração nordestina para São Paulo no século XX, em suas origens, destacando a ação estatal para o início do fluxo.

No capítulo intitulado “Observações Preliminares”, procuro traçar um quadro demográfico da cidade, buscando comprovar a hipótese de que Cubatão era um intenso ponto de atração de migrantes, sobretudo nordestinos. Através destes dados, evidencia-se também a importância da migração pernambucana dentro deste contexto.

Por fim, procurou-se utilizar da ferramenta de entrevistas abertas, sem questionários pré-moldados, para permitir que migrantes pernambucanos em Cubatão tivessem a oportunidade de contar suas histórias de vida, e a história da cidade. Conhecer os motivos que os levaram a migrar, suas impressões ao chegar, a adaptação, bem como suas impressões atuais foi parte fundamental para agregar a história oral aos dados já recolhidos e organizados.

Ainda sobre as entrevistas, é importante tratar de dois importantes aspectos na fala dos migrantes entrevistados.

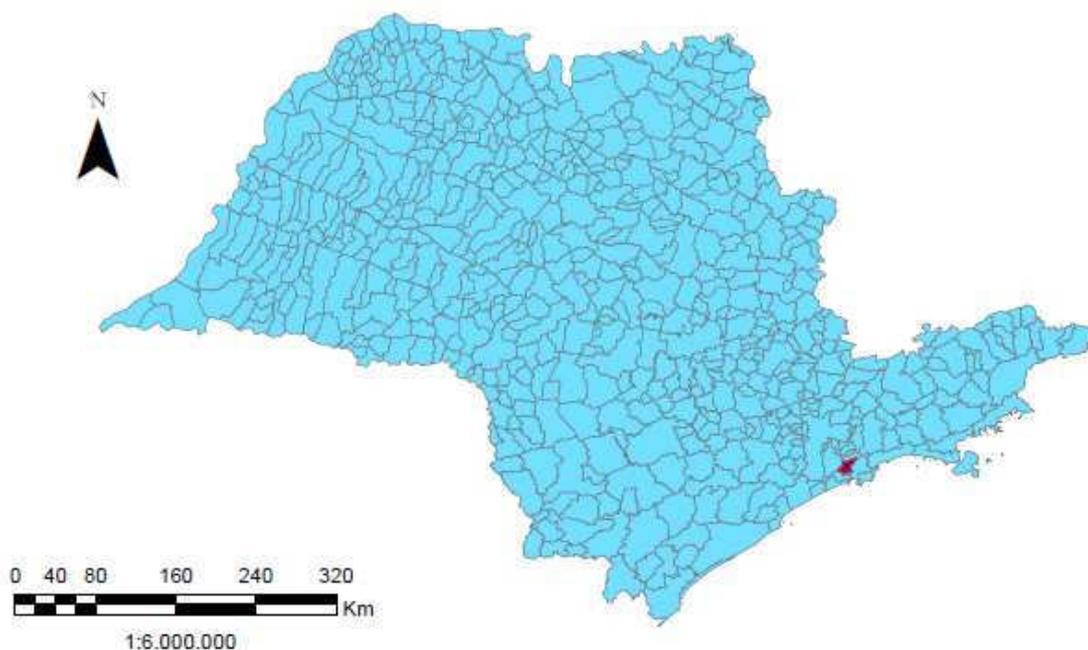
Um primeiro é a definição de “conhecimento” como utilizado nas falas dos entrevistados. “Conhecimento” no caso, não se refere ao conhecimento acadêmico ou ao conhecimento empírico. “Conhecimento”, diz respeito a conhecer pessoas; ser parte de uma rede de relações pessoais, sobretudo no ambiente de trabalho, que permitia a esses trabalhadores mobilidade dentro da sua área de atuação. Assim, quando fala-se de “ter conhecimento lá dentro [da Cosipa]”, o entrevistado faz referência a conhecer pessoas que já estavam lá há mais tempo.

Importante também saber a que se refere quando se fala em “Cosipa”. Na fala corrente cubatense, quando alguém se refere à Cosipa, frequentemente refere-se à área geográfica da Cosipa, não necessariamente à empresa. Quando a referência for à Companhia Siderúrgica Paulista, normalmente será especificado.

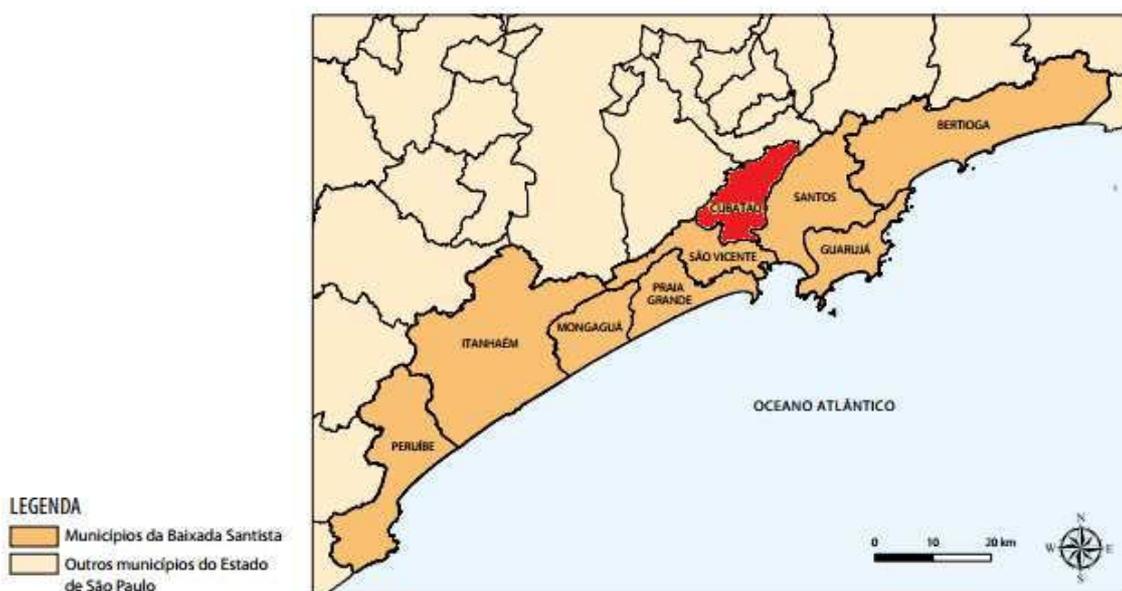
## **1.CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS**

## 1.1 O município de Cubatão

O município de Cubatão, distante cerca de 60 quilômetros da capital paulista, localiza-se em meio à Mata Atlântica, no sopé da Serra do Mar. Faz parte da Região Metropolitana da Baixada Santista, no litoral do Estado de São Paulo, fazendo divisa com os municípios de São Bernardo, Santos André, Santos e São Vicente.

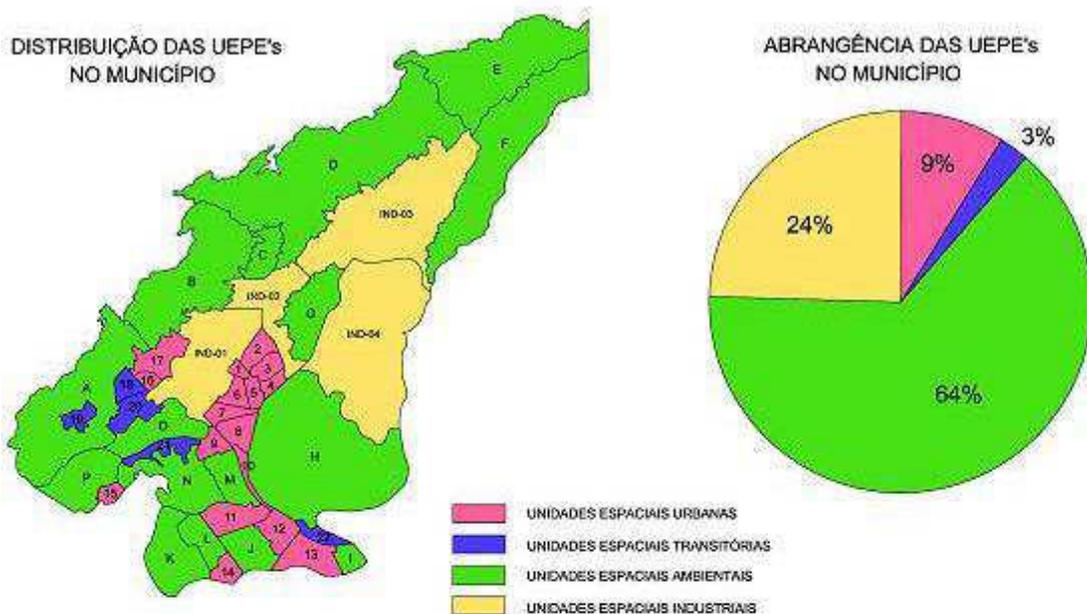


Mapa do estado de São Paulo com destaque para Cubatão (em vermelho). Fonte: Base cartográfica para o Censo do IBGE, 2010. Elaborado pelo autor.



Mapa da Baixada Santista com destaque para Cubatão (em vermelho). Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Zoneamento Ecológico-Econômico da Baixada Santista, 2013.

A cidade possui hoje um perfil de elevada urbanização, com sua economia fortemente ligada à atividade industrial, sobretudo nos ramos da petroquímica e siderurgia, produtora de 60% do Produto Interno Bruto da cidade (2,7 bilhões de reais, de 4,6 bilhões), do qual a quase totalidade dos 40% restantes (1,8 bilhões) provém do setor terciário, com uma representatividade praticamente nula da produção agropecuária (cerca de 143 mil reais) (dados do IBGE para o ano de 2013).



**I - Unidades Espaciais Urbanas:**

UEPE - 01 / Vila Elizabeth;  
 UEPE - 02 / Sítio Cafazal;  
 UEPE - 03 / Jardim Anchieta;  
 UEPE - 04 / Jardim São Francisco;  
 UEPE - 05 / Centro;  
 UEPE - 06 / Vila Couto;  
 UEPE - 07 / Santa Rosa;  
 UEPE - 08 / Vila Nova;  
 UEPE - 09 / Vila Natal;  
 UEPE - 10 / Vila São José;  
 UEPE - 11 / Jardim Nova República;  
 UEPE - 12 / Parque São Luís;  
 UEPE - 13 / Jardim Casqueiro;  
 UEPE - 14 / Ilha Caraguatá;  
 UEPE - 15 / Vale Verde;  
 UEPE - 16 / Vila Fabrik;  
 UEPE - 17 / Vila Light.

**II - Unidades Espaciais Transitórias:**

UEPE - 18 / Pinhal do Miranda;  
 UEPE - 19 / Cota 200;  
 UEPE - 20 / Itutinga-Piões;  
 UEPE - 21 / Vila Esperança;  
 UEPE - 22 / Vila dos Pescadores;

**III - Unidades Espaciais Ambientais:**

UEPE - A / Serra Pilões-Zanzalá;  
 UEPE - B / Caminho do Mar;  
 UEPE - C / Parque Perequê;  
 UEPE - D / Serra do Poço do Meio;  
 UEPE - E / Serra do Mogi;  
 UEPE - F / Serra do Morrão;  
 UEPE - G / Areais;  
 UEPE - H / Guará-Vermelho;  
 UEPE - I / Ilha Pombeva;  
 UEPE - J / Ilha do Tatu;  
 UEPE - K / Voita do Santana;  
 UEPE - L / Ilha Nhapium;  
 UEPE - M / Cota-Pará;  
 UEPE - N / Paranhos;  
 UEPE - O / Marzagão;  
 UEPE - P / MSe Maria.

**IV - Unidades Espaciais Industriais:**

UEPE - IND1 / Cruzeiro Quinhentista;  
 UEPE - IND2 / Perequê;  
 UEPE - IND3 / Raiz da Serra;  
 UEPE - IND4 / Piaçaguiera.

Mapa dos bairros de Cubatão e Unidades Espaciais de Pesquisa e Estatística (UEPEs). Fonte: Prefeitura Municipal de Cubatão - Secretaria de Planejamento, 2009.

Cubatão abriga pouco mais de 125 mil habitantes (com relativo equilíbrio entre homens e mulheres) em uma área de cerca de 142,879 quilômetros quadrados (densidade de 876,11 habitantes/ Km<sup>2</sup>). O município obteve um rápido crescimento a partir dos anos 1950, quando se inicia a sua industrialização, com a inauguração da Refinaria Presidente Bernardes, então a maior do país. Tornando-se com isso um importante polo de atração de migrantes de todas as partes do país e até de outros países. Isso se mostra presente até hoje, por exemplo, quando observados os dados censitários do município (IBGE, 2011), os quais revelam que apenas 65% dos habitantes são paulistas (incluem-se aí, evidentemente, os naturais do município, muitos descendentes de migrantes). Dos 35% restantes, 26,38% são naturais da região Nordeste, sendo pouco menos da metade (10%) pernambucanos. Estes últimos são os mais representativos no universo dos grupos migrantes do município.

O dinamismo da economia cubatense é um importante fator de atração para a migração interna que ocorreu entre o Nordeste e a cidade. A atividade industrial, além de responsável direta por mais da metade das riquezas produzidas em seu território, beneficia diretamente o setor terciário e o mercado imobiliário da cidade. Esse fator industrial é gerador de um mercado permanente de serviços ligados à indústria, como restaurantes, pensões, hotéis, lojas de materiais para construção, ferramentas e equipamentos de proteção individual, além de postos de combustível e toda sorte de empresas do setor administrativo, responsáveis pela presença de muitas outras empresas menores que prestam os mais variados serviços para os 23 grandes estabelecimentos industriais do município<sup>1</sup>.

Emancipada de Santos no ano de 1949, a história de ocupação do município remonta ao século XVI, nos tempos de Martim Afonso de Souza, quando a área servia como porto fluvial e parada de descanso para os que faziam o longo e penoso caminho através das rotas indígenas entre o litoral e o planalto. A Serra do Mar constituía-se numa íngreme elevação de 800 metros de afloramentos e decomposições *in situ* de rochas ígneas e metamórficas

---

<sup>1</sup> Dados da Prefeitura Municipal de Cubatão, disponíveis em: <http://www.cubatão.sp.gov.br/historia/cidade/aspectos-economicos>. Acesso em 05/01/2015

(GOLDENSTEIN, 1972), coberta pela Mata Atlântica. Essa estenuante viagem poderia durar mais de 3 dias, e envolvia riscos reais para a vida dos viajantes.

A abundância de águas da cidade de Cubatão é marcante. Os maiores rios (Rio Cubatão, Rio Mogi, Rio Quilombo e Rio Jurubatuba), que nascem na Serra do Mar e seus vales, separando esporões, são os maiores agentes formadores de relevo na região (GOLDENSTEIN, 1972). Além de abrir os vales no sopé da Serra do Mar, agem na formação do relevo contribuindo junto aos regimes marinhos na sedimentação que forma a planície da Baixada Santista. Os outros rios da região se desenvolvem meandantes nestes relevos de baixa energia formado pelos depósitos sedimentares dos rios da Serra.

É importante recordar que, dadas às características naturais da região, o caminho entre Santos e Cubatão era extremamente difícil e perigoso naquele tempo. Se percorrido por via terrestre, seria necessário cruzar uma Mata Atlântica virgem, diversos rios e córregos, além dos mangues (o primeiro aterro que ligou Santos a Cubatão data do ano de 1826) que até hoje estão presentes na região. O caminho através do Rio Cubatão, no estuário de Santos seria, logicamente o melhor para chegar do porto até a base da Serra, tornando a cidade um importante ponto de referência local para os viajantes (GOLDENSTEIN, 1972).

É essencial ter em mente a importância do contexto territorial no qual está Cubatão para entender a alta concentração de investimentos neste pequeno ponto do território nacional, sobretudo entre obras viárias e industriais.

Seu posicionamento estratégico entre o maior porto do país – Santos – e a maior cidade brasileira e grande concentradora de capital – São Paulo – foi decisivo para a construção de rodovias, como a Anchieta (a primeira pista inaugurada em 1947) e a Imigrantes (inaugurada no ano de 1976), além de ter sido atravessada por duas grandes ferrovias, a Santos-Jundiaí (em 1867) e a Sorocabana (chegou à Baixada em 1937); enquanto o desafio do relevo e do clima, e a complexidade das obras necessárias para vencê-los, demandaram enormes investimentos em recursos financeiros e capital humano.



Vista da Rodovia Anchieta – sentido São Paulo – entre os bairros da Vila Nova e Vila Natal; ao fundo a Serra do Mar, com o oleoduto da Petrobrás à esquerda e os dutos da Usina Henry Borden à direita. Fonte: elaborado pelo autor. Data: 18/01/2015.

A partir da malha viária, o posicionamento da cidade favoreceu a construção da Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC) – com as obras se iniciando no ano de 1950 – além de outros grandes estabelecimentos industriais como a COSIPA – construção iniciada em 1958, passando por diversas obras de expansão nas duas décadas seguintes –, a Cia. Brasileira de Estireno – inaugurada em 1957 –, a Ultrafértil – do mesmo ano –, entre tantas outras. O município ainda contou com atenção de diversos planos de desenvolvimento nacional, como o plano SALTE no governo Dutra, o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, e o II PND da ditadura militar (COUTO, 2003).

O rápido e concentrado crescimento do volume de investimentos em Cubatão, sobretudo por parte do poder público, tornou o município um ponto de intenso e artificial dinamismo econômico, o que por si só o tornaria um lugar plausível de atração de migrantes, sobretudo no segundo período de sua industrialização. Esse processo se deu posteriormente à construção da Usina Henry Borden, a qual serviu como principal fator de atração para a RPBC, desencadeando a instalação de uma série de estabelecimentos industriais petroquímicos no município.

Foram, aliás, as obras da Rodovia Anchieta e da Refinaria que iniciaram o fluxo de migrantes nordestinos para a cidade de Cubatão, como observa Couto(2003), fato que se explica pela presença no Estado de um numeroso exército de reserva, formado por anos de políticas de subsídios à migração por parte do poder público paulista para trabalhar inicialmente nas lavouras de café, como já foi evidenciado por Paiva (2004) e Fontes (2008) em seus estudos sobre a migração nordestina em São Paulo, além de novos migrantes vindos por intermédio destes.

Porém esta não foi sempre o retrato da cidade de Cubatão. Até os anos 1930, a principal atividade econômica do município (então um distrito de Santos) era a bananicultura, mesmo tendo em seu território empresas industriais como a Costa Moniz (1912), Companhia de Anilinas e Produtos Químicos (1916) e Companhia Santista de Papel (1922), que faziam da cidade o terceiro PIB industrial do Estado de São Paulo (COUTO, 2003). Revelando que, já havia um potencial industrial motivado, principalmente pelo fator locacional.

Joaquim Miguel Couto destaca como as condições ambientais que contribuíram para o sucesso da bananicultura em Cubatão, também foram fundamentais para a mudança no paradigma econômico na cidade:

“Uma das chaves para entender o crescimento industrial de Cubatão é a água. Esta substância é a responsável básica por tudo que se criou em Cubatão através dos tempos. Constitui o seu principal bem natural e a razão fundamental da instalação da grande Usina Hidrelétrica Henry Borden (construída pela empresa canadense *Light and Power*, em 1926). Esta usina foi o marco divisor da história industrial de Cubatão. Seu papel indutor no processo de industrialização paulista ainda merece um melhor reconhecimento.” (COUTO, J. M., 2003, p. 4)

A grande disponibilidade de terras provinda dos antigos bananais e dos mangues aterrados foram condicionantes fundiários da industrialização e urbanização do município, com as plantações e os mangues dando lugar gradativamente a fábricas, que geraram inúmeros empregos, e bairros que serviram de moradia para a população que chegava à cidade para ocupa-los. Além de enriquecer dramaticamente as antigas famílias donas dos bananais.

## 1.2 Cubatão como Distrito Industrial

A industrialização cubatense se deu num processo rápido e concentrado, a partir de volumosos investimentos públicos e privados no setor industrial. Isso ocorreu valendo-se de uma estrutura de transportes consolidada que conectava a capital paulista, principal centro de tomada de decisões do setor no momento, ao porto de Santos, maior e mais importante porto do país.

Os principais marcos do desenvolvimento industrial serão divididos em dois grupos – vias de circulação e estabelecimentos industriais – e analisados individualmente. No caso são:

- **Vias de circulação:** a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ); a Rodovia Padre Anchieta; a Rodovia dos Imigrantes.

- **Estabelecimentos industriais:** a Usina Henry Borden (UHB); a Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC) e a indústria petroquímica; a Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA).

Menções a outros importantes marcos são feitas a fim de ilustrar o processo de crescimento do polo cubatense, porém a análise mais detalhada feita será a dos itens acima.

### 1.2.1 Usina Henry Borden (UHB) de Cubatão



Vista aérea da Usina Henry Borden. Fonte: Blog "Um Brasileiro Sem Fronteiras". Disponível em: [ <http://goo.gl/Dz8hrB> ]. Acesso em 20/01/2015.

A Usina Henry Borden foi projetada em 1923 pelo engenheiro norte-americano Asa Billings, e era administrada pela *São Paulo Light and Power Company Limited* (nome dado em 1912 à canadense *São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*; que em 1956 viria se chamar *São Paulo Light S/A*, antes de tornar-se estatal sob o nome de Eletropaulo).

A então maior Usina hidrelétrica do país, responsável no seu auge por 14% do potencial energético nacional (80-90% de São Paulo) foi idealizada para suprir a antiga necessidade de energia no parque industrial do Planalto Paulista, que se encontrava em meio a um racionamento de energia. A usina foi tão importante para a geração de energia em São Paulo que chegou a ser bombardeada durante a Revolução de 1932 como forma de forçar a rendição paulista (COUTO, 2003).

A UHB divide-se entre a Usina externa e a Usina subterrânea, a segunda com projeto de 1950, concluído no ano de 1961. Nessa época ainda era conhecida somente como Usina de Cubatão; a partir de fevereiro de 1964 passa a se chamar Usina Henry Borden em homenagem ao advogado canadense que foi o mais alto executivo da Light entre 1946 e 1965.

A Usina externa utiliza a queda natural de 720 metros da Serra do Mar para produzir energia utilizando águas captadas no planalto e armazenadas nos reservatórios Guarapiranga e Billings, alimentados por um complexo sistema hidráulico que engloba a bacia do Rio das Pedras, partes do Tietê e Pinheiros, com uma série de barragens, estações elevatórias, canais, tubulações e adutoras (ELETROPAULO, 1996, apud COUTO). A água armazenada na represa Billings passa para o Reservatório Rio das Pedras de onde, através de torres de compensação na escarpa da Serra, desce a encosta da Serra do Mar a mais de 400 Km/h através de oito grandes adutoras, cada uma movimentando duas turbinas na base da Serra, desaguando no Rio Cubatão.

As obras foram iniciadas em abril de 1925 e apenas dezoito meses depois ocorreu a construção das duas primeiras turbinas que começaram a funcionar com capacidade instalada de 44.347 kW cada. Participaram da construção da Usina de superfície trabalhadores locais e migrantes dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e outras partes de São Paulo (COUTO, 2003).

Nos anos seguintes, a Usina passou por uma série de ampliações para atender à crescente demanda por energia do parque industrial paulista em franca expansão, culminando no projeto de sua famosa Usina subterrânea no ano de 1950. A construção, iniciada apenas dois anos depois e concluída no ano de 1961, consistia numa ampliação da capacidade de armazenamento da Represa Billings, além da construção da Usina propriamente dita; diferentemente da Usina de superfície, foi construída principalmente por trabalhadores migrantes nordestinos.

A construção da usina subterrânea foi levada a cabo pela construtora Morrison-Knudsen do Brasil S/A, subsidiária da empresa homônima norte-americana, famosa por construir diversas obras de infraestrutura mundo afora, sendo uma das empresas responsáveis pela construção da famosa Barragem Hoover, localizada em um trecho do rio Colorado na divisa entre os estados americanos de Arizona e Nevada.

O projeto da Usina subterrânea foi facilitado pela geologia deste trecho da Serra do Mar, composto por rochas ígneas e metamórficas (GOLDENSTEIN, 1972, p. 23) o que diminuía a necessidade de grandes reforços nas estruturas

internas, tornando a obra mais barata que a Usina de superfície. A Usina subterrânea consiste de um túnel com blindagem de aço com 1506 metros de comprimento e 3,25 metros de diâmetro interno, por onde descem as águas vindas do Reservatório Rio das Pedras. A caverna que foi escavada para a instalação das máquinas para geração de energia possui impressionantes dimensões: 38,6 metros de altura, 120 metros de comprimento e largura de 20,5 metros (COUTO, 2003, p. 43). Assim como na Usina de superfície, a Usina subterrânea desagua no Rio Cubatão.

O complexo gerador da UHB tem capacidade instalada de 887,4MW, sendo 467,4MW da Usina de superfície e 420MW da Usina subterrânea.

Vale a menção à Vila da Light, bairro que se formou no entorno da Usina a partir dos acampamentos dos operários que trabalharam na construção da UHB, tornando-se posteriormente moradia dos funcionários da Usina. No seu auge, viviam mais de 1000 pessoas entre funcionários e familiares (RADESCA, 1965, apud COUTO p. 44), gozando de uma excelente qualidade de vida proporcionada pela empresa.

O bairro conta até hoje com uma escola de ensino fundamental fundada há 80 anos que leva o nome da Usina. Inicialmente administrada pela própria empresa, a escola é hoje parte da rede municipal de ensino e tem índices de destaque nas últimas avaliações do IDEB.

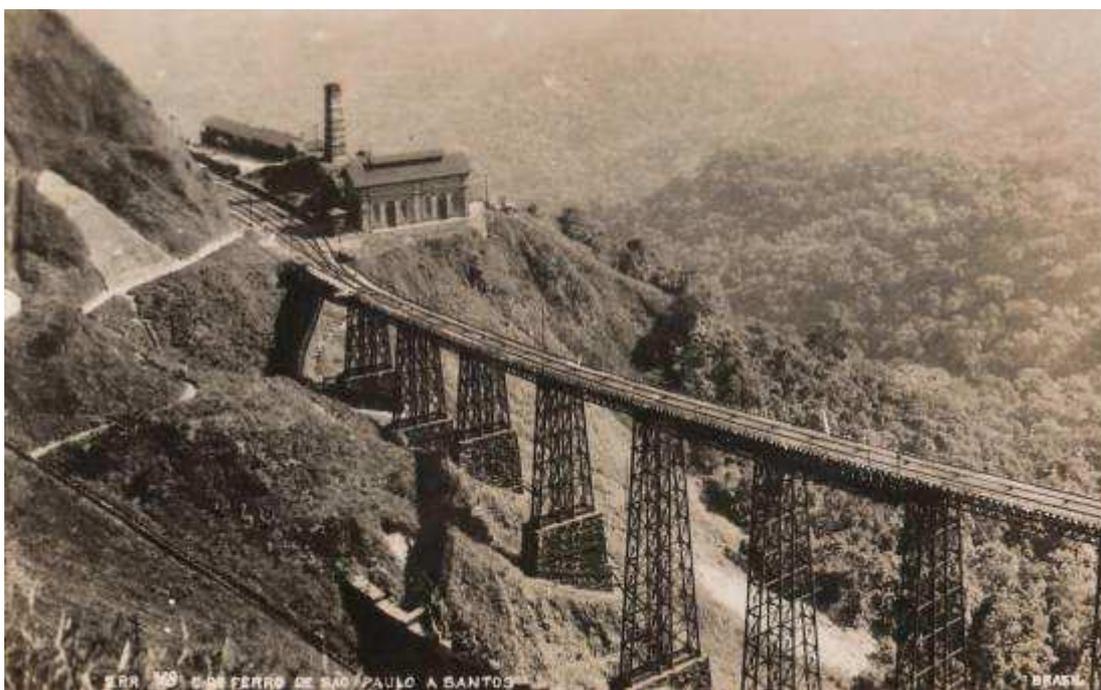
Desde 1992, a Usina opera abaixo de sua capacidade máxima por determinação da Secretaria de Meio Ambiente. O bombeamento de águas do Rio Pinheiros para a Represa Billings foi proibido, pois suas águas poluídas comprometiam a balneabilidade das praias de Santos e o abastecimento de água do Rio Cubatão. Hoje a Usina trabalha com capacidade mínima, de cerca de 45MW durante o dia (COUTO, 2003). Porém, pode atingir a capacidade máxima em quinze minutos e trabalhar neste nível por até 36 horas sem comprometer os níveis dos reservatórios Billings e Rio das Pedras. Em caso de *blecaute* na capital, a Usina possui ligação direta com seus principais consumidores: metrô, hospitais e indústrias.

A partir do ano de 1998, com a privatização da Eletropaulo, a Usina passa a ser de propriedade da Empresa Metropolitana de Águas e Energia

(EMAE), estatal subordinada à Secretaria de Energia, atuando de acordo com a Política Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo.

Os efeitos da privatização se fazem presentes na Vila da *Light* nos dias atuais. Com o baixo número de funcionários, existem muitas casas desocupadas, e seu patrimônio histórico é ameaçado pela falta de conservação, a descaracterização e a à especulação imobiliária.

### 1.2.2 A Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (EFSJ)



Trecho de Serra da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí no começo do século XX. Fonte: Blog “Novo Milênio”. Disponível em: [ <http://goo.gl/6Vn84Y> ]. Acesso em 20/01/2015.

Construída no ano de 1867 com o nome de *São Paulo Railway* (sendo assim chamada até o ano de 1946 quando é estatizada por problemas financeiros e passa a se chamar *Estrada de Ferro de Santos a Jundiaí*), consiste na principal ligação ferroviária entre a capital paulista e o porto de Santos. Partindo de Jundiaí, a 57 quilômetros de São Paulo, esta estrada produziu impactos profundos na economia regional e nacional a partir de seu funcionamento.

Sua construção foi autorizada no ano de 1856, por decreto de D. Pedro II, que concedia à companhia organizada por Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, José da Costa Carvalho, Marquês de Monte Alegre e José Antonio

Pimenta Bueno, Marquês de São Vicente, o privilégio de sua construção, uso e gozo por 90 anos (GOLDENSTEIN, 1972, p. 59).

Financiada por capitais britânicos por intermédio do Barão de Mauá, tinha em vista a necessidade de escoar a volumosa produção de café paulista para o porto de Santos de onde era exportado para todo o mundo, mas também serviu à industrialização do planalto paulista (e de Cubatão posteriormente) e ao desenvolvimento do porto de Santos, que experimentou um aumento significativo do seu movimento graças à construção da estrada de ferro.

Num primeiro momento, o principal impacto regional da EFSJ foi levar a falência numerosos portos no litoral do Sudeste, como descreve com precisão Léa Goldenstein:

“Localmente seu efeito foi decisivo não só para a consolidação de Santos como o grande porto cafeeiro do país, como para a consolidação definitiva do binômio São Paulo-Santos. Foi decretada a falência de um sem número de portos do Estado do Rio de Janeiro (Parati, Angra dos Reis, Mangaratiba) e do Estado de São Paulo (Ubatuba, São Sebastião e outros mais), que em diferentes pontos transpunham a Serra do Mar, e recebiam por estradas precárias as tropas de muares carregadas de café.”(GOLDENSTEIN, 1972, p. 59)

Consolidada como principal rota de escoamento da produção cafeeira, a estrada já se encontrava com capacidade insuficiente antes do fim do século XIX, tendo passado por diversas ampliações e reformas ao longo de sua história além de adequações técnicas que visavam aumentar sua velocidade e capacidade carga por viagem.

À companhia também foi concedido o direito de exploração do Oleoduto Santos-São Paulo, idealizado no Plano SALTE, do governo Dutra, que foi de grande importância para escoar a produção da Refinaria Presidente Bernardes a partir da década de 1950.

Apesar da queda na produção cafeeira, a EFSJ foi de suma importância para a RPBC e COSIPA, abastecendo a Refinaria com petróleo bruto vindo do porto de São Sebastião, e a planta siderúrgica com minério de ferro proveniente de Minas Gerais.

### 1.2.3 A Rodovia Anchieta



Vista da Rodovia Anchieta em seu trecho de Serra. Fonte: Wikipedia.  
Disponível em: [ <http://goo.gl/32SO1q> ]. Acesso em 20/01/2015.

Com projeto que data do ano de 1937, a Via Anchieta (SP-150) foi idealizada para ser uma ligação rodoviária nova e moderna entre o porto de Santos e a cidade de São Paulo, em substituição da antiga Rodovia Caminho do Mar (SP-148), que tem origem nas antigas estradas de ligação da Baixada Santista ao planalto, principalmente a Estrada da Maioridade (1846), que mais tarde viria a se chamar Estrada do Vergueiro após uma série de reformas a partir do ano de 1862. A Estrada do Vergueiro passou por mais uma série de reformas no ano de 1913, até ser macadamizada e asfaltada a partir do ano de 1920 devido ao grande fluxo de veículos. (GOLDENSTEIN, 1972).

Concluída com 58 viadutos, 18 pontes e cinco túneis (SANTOS, 2004, p. 92), a via Anchieta viria a se tornar a principal estrada de ligação da Baixada Santista à capital (até a construção da Rodovia dos Imigrantes, no ano de 1976), através da qual se dava o transporte de insumos para a indústria, bem como produtos finais, além de todo o volume de cargas destinado e com destino ao

porto de Santos, além do transporte diário de milhares de pessoas entre as duas Regiões Metropolitanas.

A pedra fundamental da Via Anchieta foi colocada no ano de 1939, porém as obras só se iniciam no ano de 1942, sob a direção do Engenheiro Dario de Castro Bueno, tendo sido concluídas no ano de 1947.

Importante salientar que, dadas as dimensões das obras de construção, a rodovia também foi importante fator de atração para migrantes de diversas partes do país que vieram a Cubatão trabalhar em sua construção. O geólogo Álvaro Rodrigues dos Santos aponta que, em 1945, cerca de cinco mil trabalhadores estavam envolvidos na construção da Anchieta (SANTOS, 2004).

Os acampamentos de operários da construção da rodovia viriam a formar os bairros das Cotas 95, 200 e 400 (iniciando assim também o processo de favelização da cidade a partir de antigos acampamentos operários), além de um incremento considerável na população do bairro da Fabril, como evidenciado pelos dados do Censo de 1950, na tabela abaixo, que por felicidade da data pode captar este fluxo, sobretudo pelo número consideravelmente maior (50%) de homens em relação a mulheres residindo na cidade.

#### **População da Baixada Santista em 1950**

<b>Município</b>	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Cubatão	11.803	7.096	4.707
Santos	203.562	104.968	98.594
São Vicente	31.684	16.180	15.504
Guarujá	13.203	7.150	6.053
Estado de São Paulo	9.134.423	4.648.606	4.485.817

Fonte: IBGE apud COUTO, 2003, p. 51

Este padrão não se repete nos outros municípios da Baixada Santista. Embora todos apresentem uma população masculina maior que a feminina, ambas estão em relativa situação de igualdade. Apenas Cubatão apresentava

um número de moradores homens tão superior ao de mulheres, sobretudo por esse acréscimo populacional de trabalhadores da construção civil que migraram para a cidade para trabalhar na construção da rodovia.

Infelizmente, o censo de 1950 não pode captar a leva de trabalhadores que se dirigiram ao município para trabalhar na construção da Refinaria, que se deu no mesmo ano, mas imagina-se que a proporção de trabalhadores do sexo masculino em Cubatão tenha se mantido bastante elevada.

#### 1.2.4 Rodovia dos Imigrantes



Vista aérea da Rodovia dos Imigrantes em seu trecho de Serra. Fonte: Wikipedia. Disponível em: [ <http://goo.gl/EgKil0> ]. Acesso em 20/01/2015.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a Via Anchieta se encontrava sobrecarregada devido ao intenso fluxo produzido pelo polo industrial cubatense (e induzido pela própria Via Anchieta), o que levou o Estado de São Paulo a criar no ano de 1969 a DERSA (Desenvolvimento Rodoviário S/A), empresa vinculada à Secretaria dos Transportes do Estado de São Paulo, para coordenar a construção de uma nova rodovia para ligação entre o planalto e o litoral.

O projeto data do ano de 1971 e foi encomendado pela DERSA ao Escritório Técnico J. C. de Figueiredo Ferraz Ltda. e à empresa italiana Alpina S.p.A. As obras tiveram início no ano seguinte, tendo se dividido em três trechos: Trecho do Planalto, Trecho da Serra e Trecho da Baixada.

Após análise das condições geológicas e geotécnicas da região, o engenheiro José Carlos de Figueiredo Ferraz, estabelece que a implantação da rodovia deveria utilizar novas técnicas na sua construção, de forma a garantir a segurança e eficiência do empreendimento. Assim, em lugar de um projeto que acompanhasse a encosta – como feito na Anchieta –, a construção da Imigrantes, em seu trecho de Serra, priorizaria a utilização de túneis e viadutos, de forma a evitar interferências nas encostas da Serra do Mar. Desta forma, a pista ascendente da Imigrantes teria, em seus 11,5 quilômetros de trecho de serra concluídos em 1976, 11 túneis, somando 3.825 metros; além de 18 viadutos, com extensão total de 8.135 metros (SANTOS, 2004, p. 100).

No auge de sua construção chegaram a trabalhar mais de quinze mil homens que tinham que lidar com as dificuldades que lhes eram impostas pela geomorfologia e pelo clima do lugar, com pluviosidade média anual acima dos 3.000mm, chuvas de mais de 400mm em 24 horas, umidade relativa acima de 80% e a constante ocorrência de neblina (COUTO, 2003, p. 162).

A Rodovia dos Imigrantes, bem como a Anchieta, são administradas hoje pela EcoVias, consórcio que arrematou o direito de concessão no ano de 1998, ficando responsável pela construção da sua pista Sul, que seria inaugurada no ano de 2002.

## 1.2.5 A Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC) e a indústria petroquímica

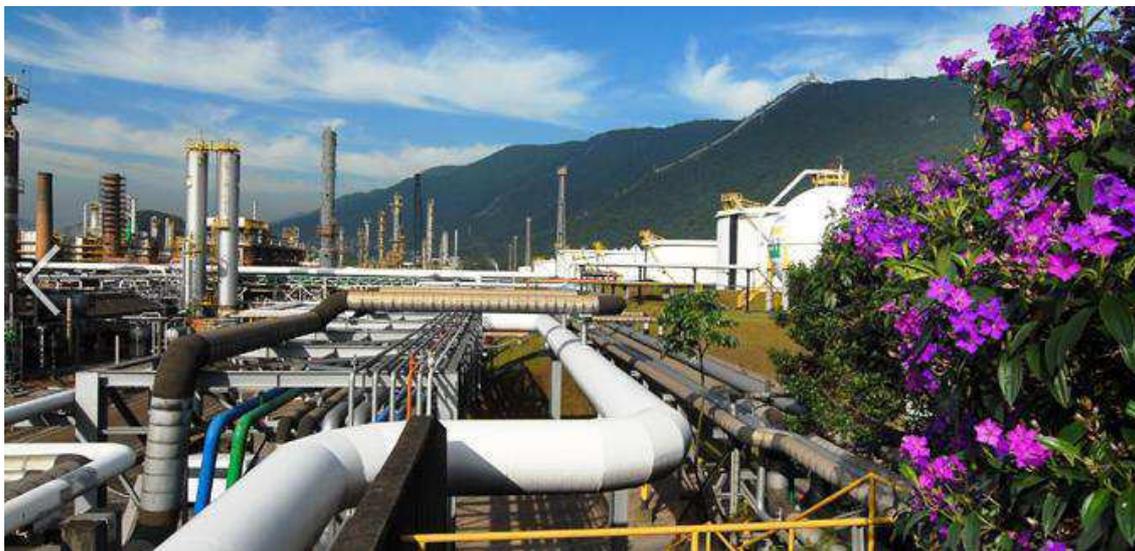


Imagem atual da RPBC. Fonte: Petrobrás. Disponível em: [ <http://goo.gl/h11LjL> ]. Acesso em 20/01/2015.

Idealizada dentro do plano SALTE (que incluía também nesse contexto a construção de 15 petroleiros, a ampliação da perfuração de poços, e a ampliação da refinaria da Bahia), visando o desenvolvimento da indústria de base e a diminuição das importações de insumos para o setor, a “Refinaria de 45 mil barris”, como ficou conhecida na época, teve sua construção viabilizada no ano de 1949 pela lei nº 650, que autorizava a liberação de crédito ao CNP para sua construção (COUTO, 2003, p. 62).

O projeto para a Refinaria de 45 mil barris data do ano de 1949 e é de autoria da empresa norte-americana *Pan American Hydrocarbon Research Inc.*, que trabalharia com equipamentos fornecidos pela francesa *Fives-Lille & Schneider & Cie.*

O conjunto industrial que caracteriza a RPBC pode ser reunido em três grupos, como destaca Léa Goldenstein:

“1- A refinaria propriamente, que além das unidades básicas de destilação direta, é constituída de mais de dez outras unidades destinadas, respectivamente, ao processo da nafta, recuperação do GLP, do eteno do propeno, produção de solventes (solvente de borracha, hexano e água raz), tratamento de querosene, tratamento de gasolina; e ainda as unidades (...) de

prefracionamento (...), reforma catalítica, extração de aromáticos e a de pirólise de etano e nafta.

2- Fábrica de Asfalto (...).

3- Departamento Petroquímico, que corresponde à antiga Fábrica de Fertilizantes. A partir de 1960 foi desligada da RPBC e passou a fazer parte da PETROQUISA, tornando-se uma subsidiária da RPBC. É constituído pelas seguintes unidades: Unidade de Amônia, Unidade de Ácido Nítrico, Unidade de Nitrato de Amônia e Unidade de Nitrocálcio. (GOLDENSTEIN, 1972, p. 128)

A Comissão Técnica para decidir a localização da Refinaria era composta pelo Engenheiro Avelino de Oliveira (Presidente da Comissão e Diretor da Divisão Técnica do CNP), pelo Coronel Artur Levy (Ministério da Guerra e Presidente da Comissão do Oleoduto), além do Engenheiro Antenor Rangel Filho (representante do Comércio) e João Lourenço (representante do Ministério da Fazenda).

Antes da decisão por sua localização em Cubatão, cogitaram-se muitas localidades para sua instalação, incluindo o Rio de Janeiro (mais precisamente no então Distrito Federal), Santos (pela proximidade com o porto), Recife e Belém (pela proximidade com a Venezuela, um dos principais fornecedores de petróleo para o Brasil na época).

A Comissão acabou decidindo, no ano de 1949, pela sua instalação no Rio de Janeiro, porém a decisão foi vetada pelo presidente Dutra que, por indicação do Conselho de Segurança Nacional, que fora instruído pelo Coronel Levy, decide que a Refinaria não iria se localizar na capital federal, mas, sim, na cidade de Santos. Porém, a proximidade com a Usina Henry Borden, a abundância de água doce, as características geológicas acabaram sendo determinantes para a decisão de instalá-la na recém-emancipada Cubatão; pesou também a favor da cidade a falta de oferta de grandes extensões de terra em Santos, bem como a alta densidade demográfica da cidade.

A construção, na época o maior investimento industrial feito pelo Estado Brasileiro (cerca de 1,5 bilhões de Cruzeiros), é iniciada no ano de 1950, produzindo um elevado crescimento econômico da cidade e aumentando significativamente o fluxo de migrantes (sobretudo nordestinos) para a cidade

(PEREIRA, 1988, apud COUTO); e já no ano de 1954 inicia suas operações, embora só tenha sido inaugurada oficialmente no ano de 1955.

Uma das primeiras consequências do início das operações da RPBC foi a necessidade de ampliação do Terminal Marítimo de São Sebastião, no litoral norte de São Paulo, e a construção de um oleoduto ligando-o à Refinaria, uma vez que o baixo calado do porto de Santos não permitia que ali atracassem os grandes petroleiros que já existiam na época. Os estudos para essa adaptação do Terminal de São Sebastião começaram no ano de 1957, e suas obras concluídas em 1969, ano em que a capacidade de processamento da Refinaria já alcançava os 115 mil barris diários (GOLDENSTEIN, 1972, p. 126).

No ano de 1957 a Refinaria de Cubatão começa a produzir o eteno, um importante insumo para a indústria petroquímica, mesmo ano em que começa a funcionar sua fábrica de fertilizantes.

Abre-se um parêntese importante para mencionar o papel da Fábrica de Asfalto da RPBC, que recebia petróleo Boscan Venezuelano, descarregado no porto e transportado por vagões-tanque até a Refinaria, na implantação de um modelo de transporte rodoviário no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960. Por alguns anos a fábrica teve que atender sozinha a toda a demanda nacional por asfalto, trabalhando acima de sua capacidade nominal, uma vez que graças ao Fundo Rodoviário, financiado pelo Imposto de Combustível e Derivados de Petróleo, o país experimentava um *boom* na construção de rodovias. Quadro que só mudou quando teve início a produção nas fábricas de asfalto de Paulínia, ligada à Refinaria do Planalto (REPLAN), em 1971, Duque de Caxias, além das fábricas em Fortaleza e Madre de Deus (Bahia), ligada à Refinaria Landulpho Alves, no ano de 1966 (GOLDENSTEIN, 1972).

Até a segunda metade dos anos 1960 a RPBC era a maior Refinaria do país, sendo ultrapassada depois pela Refinaria de Duque de Caxias.

Ao longo dos anos, a diversificação da produção da RPBC demandou adaptações nos modais de transporte envolvidos. Para garantir o escoamento da produção e o recebimento de insumos, a Refinaria fez investimentos na EFSJ e na Cia. das Docas, e aumentou muito o movimento tanto do porto como da Ferrovia.

Concomitantemente à instalação e aumento de produção da Refinaria cubatense, instalaram-se na cidade fábricas de grandes multinacionais do setor petroquímico, visando aproveitar a produção de matéria-prima para a indústria química vinda da RPBC.

Dentre elas, destaco quatro que se instalaram ainda nos anos 1950:

**Alba S/A – Adesivos e Laticínios Brasil-América:** instalou-se na cidade no ano de 1957, aproximadamente 2 quilômetros da Refinaria, possuía três fábricas:

- Fábrica de Metanol, produzido a partir de óleo combustível;
- Fábrica de Formol, produzido a partir do metanol;
- Fábrica de Resinas Sintéticas, produzidas a partir do formol.

A Alba operou em Cubatão até o ano de 1992, quando encerrou as atividades e colocou à venda seu terreno.

**Companhia Brasileira de Estireno (CBE):** Instalou-se na cidade também no ano de 1957 em parceria da empresa norte-americana *Koppers Co. Inc.*, a *Companhia Brasileira de Plásticos Kopper* e um grupo de industriais nacionais do setor de plásticos. Foi a primeira fábrica da América Latina e apenas a quarta no mundo a produzir o monômero de estireno, um importante insumo para a produção de poliestirenos, a partir de benzeno e eteno produzidos pela RPBC, apesar de ter produzido e utilizado eteno alcoolquímico até os anos 1980. Tinha capacidade produtiva de 5.000 toneladas ao ano de monômero de estireno.

Passou por uma série de ampliação ao longo de sua história. No ano de 1972 passa por uma ampliação e aumenta sua produtividade para mais de 60.000 toneladas anuais; no ano de 1987 passa por nova ampliação e passa a produzir 103.000 toneladas de monômero de estireno por ano, além de 122.000 toneladas de etilbenzeno.

Nos anos 1990, apesar das condições econômicas desfavoráveis no contexto geral, passa por nova modernização para competir com os produtores

estrangeiros; no ano de 1997 sua produção já passava das 120.000 toneladas por ano.

A fábrica se encontra ativa até hoje, sendo parte do grupo *Unigel Química S.A.*, a produção é toda vendida para a BASF (COUTO, 2003, p. 97).

**Union Carbide do Brasil S/A – Indústria e Comércio:** Fundada pela empresa homônima norte-americana, começa a produção de Polietileno no ano de 1958, com matéria-prima (eteno) fornecida pela RPBC, em Cubatão. A produtividade inicial era de 8.000 toneladas ao ano, mas passa por uma série de ampliações durante os anos 1960 tendo em vista atender à demanda, e no ano de 1963 passa a produzir 15.000 toneladas por ano, e em 1966 a produtividade já era de 28.000 toneladas ao ano.

A partir do ano de 1967, com o apoio do *GEIQUIM (Grupo Executivo da Indústria Química)* e do Governo Federal a empresa passa a produzir seu próprio eteno e a capacidade produtiva salta para 80.000 toneladas por ano. Porém, já no ano de 1971 deixa de produzir o eteno por problemas na planta, tendo começado a comprar este da Refinaria de Mauá no ano seguinte.

Durante a década de 1970 a produtividade anual da empresa sobe para 128.000 toneladas; nos anos 1990 chegando a 144.000 toneladas.

Ativa até hoje, a partir do ano de 2001, depois da fusão com a norte-americana *Dow Chemical*, passa a e chamar *Dow Química*.

**Companhia Petroquímica Brasileira (Copebrás):** Pertencente aos grupos norte-americanos *Columbian Chemicals Company* e *Elko Chemicals*, começou a produção de negro-de-fumo em Cubatão no ano de 1958, com produtividade de 5.000 toneladas anuais, passando por uma série de ampliações até atingir a marca de 58.000 toneladas anuais no ano de 1965, tendo no ano seguinte inaugurado sua fábrica de Fertilizantes.

A partir do ano de 1973 passa a produzir mais de 80.000 toneladas de negro-de-fumo, além de passar por mais ampliações e inaugurar as fábricas de gesso sintético purificado, Fábrica de ácido sulfúrico, Fábrica de ácido fosfórico, e mais uma fábrica de fertilizantes. Passa também a ser a primeira no Brasil a

produzir STTP (Tripolifosfato de Sódio), um subproduto utilizado em várias indústrias (sabões detergentes, cerâmicas, e no tratamento de metais e água).

Desde 1985 a Copebrás está sob o controle do grupo britânico *Anglo American*. A empresa segue com ampliações regulares até os dias de hoje e até o ano de 2007 era a maior produtora nacional de STTP, quando encerrou sua produção do insumo.

A análise do volume destes investimentos feitos na cidade de Cubatão logo da implantação de seu polo petroquímico e os aumentos gradativos e constantes de sua produtividade (apesar de não mencionados, não se deve relevar o papel de muitas outras empresas do ramo da indústria química que vieram a se instalar na cidade nas décadas seguintes) demonstram o importante papel que tinha o município em várias escalas; na escala regional, Cubatão era parte de um processo de expansão da indústria paulista rumo ao litoral e ao interior, na escala nacional, Cubatão era a principal expressão da intenção do Governo Federal de iniciar uma produção química no país, visando a diminuição do volume de importações, enquanto na escala global, Cubatão aparecia como um ponto de expansão da indústria petroquímica multinacional, que já não encontrava espaço em seus países de origem.

### 1.2.6 Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA)



Imagem de satélite da área da Cosipa. Na parte inferior é possível ver o terminal marítimo da Siderúrgica. Fonte: Google Maps. Acesso em 20/01/2014.

Com idealização que remonta ao começo dos anos 1950, quando um grupo de empresários paulistas promovem um encontro com a Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, a Usina José Bonifácio de Andrade e Silva foi projetada para ser uma Siderúrgica Marítima, para aproveitar os baixos custos do modal marítimo para transportar os grandes volumes de matéria-prima (carvão e minério de ferro) demandados por uma usina deste porte.

Inicialmente uma empresa privada, com participação minoritária dos governos Federal e Estadual a partir do ano de 1956, a empresa enfrentou diversas dificuldades financeiras ao longo de sua história, tendo sido estatizada em 1961 quando o BNDE passa a controlar 58% das suas ações (esse número veio a subir para 90% no ano de 1963 e 98,6% no ano de 1970) (GOLDENSTEIN, 1972). Durante sua construção, a Cosipa demandou também financiamento estrangeiro para importar maquinário, devido à falta de divisas no país naquele momento (SEABRA, 1965, apud COUTO, 2003).

A construção da usina inicia-se no ano de 1958, dois anos após a compra de um terreno de 4 milhões de metros quadrados na região de Piaçaguera, em Cubatão, terras de propriedade de Adelino da Rocha Brito. Utilizava-se de uma maioria de trabalhadores da própria empresa até o ano de 1962, quando passa a utilizar somente mão-de-obra das empreiteiras contratadas. Em fevereiro do ano de 1963 havia dezesseis mil pessoas trabalhando na sua construção, mais uma vez com grande volume de trabalhadores migrantes nordestinos. Os custos da construção eram elevados, devido à instabilidade do terreno, que demandou extensas obras para garantir a integridade da estrutura da planta.

Interessante notar que, enquanto no período da construção da Cosipa o Brasil passar a enfrentar baixos índices de crescimento, esta fez com que a economia de Cubatão caminhasse na direção oposta, dando-lhe grande dinamismo.

Mais uma vez, a escolha de Cubatão por parte da Cosipa deve-se, sobretudo, ao fator *localização*: além da proximidade do maior centro consumidor de aço do país, Cubatão consiste em um importante nó viário, o terreno comprado estava próximo à Usina Henry Borden, possuía abundância de água doce, além de se tratar de um já consolidado e bem-sucedido parque industrial. Outro fator importante para a construção da Usina em Cubatão foi a possibilidade de aproveitar a disponibilidade de terras em larga escala próximas a uma saída para o mar, que viabilizaria a construção de seu terminal marítimo.

Em dezembro de 1963 a usina inaugura a sua Laminação a Quente, quando da visita do presidente João Goulart; e em outubro de 1964 inaugura a Laminação a Frio durante visita do presidente francês Charles de Gaulle, naquele momento a produção de material laminado destinava-se principalmente à indústria automobilística, em crescente demanda pelo *boom* rodoviário que vivia o país.

Em outubro de 1965 inaugura o Alto-Forno 1 (maior do Brasil no momento, com produtividade de 1.650 toneladas diárias de ferro gusa). Joaquim Miguel Couto complementa sobre os anos seguintes da empresa:

“Em 3 de novembro entrou em funcionamento os Conversores de Aciaria e, finalmente, em 21 de dezembro as Bias de Coque.

Com estas inaugurações, a Cosipa tornou-se uma siderúrgica integrada, pois passava a ter as três etapas produtivas do setor: transformação do minério em gusa, transformação da gusa em aço, transformação do aço em produtos planos<sup>38</sup> (COUTO, 2003, p. 118).

A Cosipa foi a primeira siderúrgica brasileira a produzir aço estabilizado, assim como foi pioneira na fabricação de aços ao cromo em conversores LD. Também fabricou pela primeira vez no Brasil chapas largas ao cobre para estruturas submarinas.

Destaca-se que, ao contrário da RPBC, a Cosipa não atraiu outras empresas industriais para aproveitar sua produção, somente uma fábrica de cimento que foi inaugurada em 1969.

Em 1976 a empresa inaugura seu Alto-Forno 2, que aumenta em muito a sua produtividade, que chega a mais de 3 milhões de toneladas de aço no ano de 1980.

No ano de 1990 a Cosipa entra para o plano de desestatização do governo Collor, gerando medo do desemprego em seus quase 16 mil funcionários próprios, e nos outros 4 mil funcionários de empreiteiras que trabalhavam na área. Apesar dos protestos a empresa acaba privatizada, sob o controle da Usiminas, sua proprietária até hoje.

Muito ainda poderia se dizer sobre a Cosipa, a Refinaria Presidente Bernardes, e os outros estabelecimentos que vieram a se instalar em Cubatão, podendo este ser todo o tema de uma monografia. Porém, como este não pretende ser um trabalho de Geografia das Indústrias, mas sim um trabalho sobre migrações internas, não foi considerado essencial tratar com detalhes a história de todo o polo cubatense; mas sim caracterizá-lo, através de sua produtividade, constante ampliação e volume de investimentos especialmente concentrados, como um grande ponto de atração para trabalhadores de todo o país.

## **2. MIGRAÇÕES: CONCEITOS E TEORIAS**

As migrações internas são complexos e diversificados processos sociais e parte fundamental da formação espacial brasileira. Por esse motivo existe uma imensidade de estudos a seu respeito, e tantos quantos são os estudos são as definições, conceitos e enfoques envolvidos nestes.

Para este trabalho, inicia-se o entendimento do processo migratório como motivado por **Causas** (estruturais) e **Motivos** (individuais) que levam à migração de populações.

O estudo das **Causas** parte de uma análise histórico-estrutural, buscando entender os contextos históricos e geográficos nas quais ocorreu o processo (PÓVOA-NETO, 1997). Primeiramente a migração Nordeste-São Paulo no período em que estabeleceu-se o fluxo como Política Migratória por parte do Estado de São Paulo (primeira metade do século XX); e depois o caso específico dos pernambucanos em Cubatão, num momento de intensa atividade industrial no município (segunda metade século XX).

Já o estudo dos **Motivos** será analisado a partir do conceito de Mobilidade do Trabalho utilizado por Gaudemar (1977), onde a demanda por força de trabalho criada nas áreas marcadas pelos fatores de atração motiva os indivíduos a migrarem, ideia que será melhor trabalhada com a definição dos fatores de atração e expulsão de Paul Singer (1998).

Na forma mais mecânica e simplificada possível, define-se o fluxo migratório como um movimento de uma população entre dois pontos no espaço, um marcado por fatores de expulsão e o outro por fatores de atração; ambos caracterizados por um crescimento econômico relativo desigual que favorece a formação de desigualdades regionais.

Paul Singer (1998) trabalhou estes conceitos de fatores de atração e expulsão de forma muito detalhada em sua obra *Economia Política e Urbanização* e sua definição será utilizada neste trabalho.

No seu entendimento dos fatores de expulsão, estes estariam divididos entre *Fatores de Mudança* e *Fatores de Estagnação*. Nas palavras do autor,

*“Os fatores de mudança criam uma espécie de desemprego tecnológico na área rural, sendo a dimensão deste desemprego uma função do aumento da produtividade do trabalho agrícola e da sua especialização, ao passo que os fatores de estagnação*

*produzem um fluxo de emigração cujo volume depende da taxa de crescimento vegetativo da população em economia de subsistência em confronto com sua disponibilidade de terra .”*  
(SINGER, 1998, p. 41)

Assim sendo, os fatores de expulsão definem a origem dos fluxos migratórios, porém são os fatores de atração que definem a orientação do movimento exercido pelo grupo social que sofre com os fatores de expulsão. Entre os fatores de atração, Singer destaca a demanda por força de trabalho <sup>2</sup>, que se caracteriza como fator de atração uma vez que oferece ao migrante a possibilidade de obter uma remuneração maior do que a que ele poderia obter na sua área de origem (SINGER, 1998).

George Martine traduz em palavras este processo de “atraçãoexpulsão” ao afirmar que

*“a população costuma deslocar-se e fixar-se em determinadas localidades, ou regiões, em função das mudanças na configuração espacial do dinamismo econômico. O fortalecimento da atividade econômica numa determinada região gera emprego e atrai migrantes; a estagnação inicia o processo contrário e acaba expulsando a população”* (MARTINE, 1995, p. 61).

Mas qual outra variável podemos adicionar a esta estagnação econômica apontada pelo autor? A primeira, e mais importante, seria um crescimento demográfico importante da região Nordeste ao longo do século XX que, em conjunto com a concentração fundiária – característica do baixo dinamismo econômico da região em questão – leva à formação do que o supracitado autor chama de “migrantes -em-potencial” (MARTINE, 1995), este excedente demográfico sendo, então, uma “superpopulação relativa” que não pode mais ser absorvida pelo setor primário naquela região (CORRÊA, 1989).

Ou seja, podemos falar de três momentos no processo migratório: num primeiro momento, as causas estruturais criam uma situação de migração em potencial para determinado grupo social; num segundo momento, as motivações individuais decidem quem vai e quem fica. Por fim, num terceiro momento, o migrante se estabelece numa nova área e é submetido à uma nova configuração

---

<sup>2</sup> Para este trabalho, utilizar-se-á o conceito marxista de força do trabalho, o mesmo utilizado por Gaudemar (1977), que a define como: “o conjunto de faculdades psíquicas, físicas e intelectuais que existem no corpo de um homem, na sua personalidade viva, e que ele tem de pôr em movimento para produzir coisas úteis” (MARX, K. *O Capital*, apud GAUDEMAR, 1977, p. 189).

sócio-espacial. Esse terceiro momento, no caso estudado, está ligado a um processo de proletarização do trabalhador envolvido nas antigas relações de trabalho da economia de subsistência, e que passa a manter uma relação capitalista de trabalho (assalariadas).

Fica evidente assim que o processo de migração interna brasileiro está associado necessariamente a um desenvolvimento desigual das atividades econômicas no território nacional que leva a um empobrecimento relativo de populações que estão distantes desse desenvolvimento econômico. Como destacou Itamar de Souza (1980) ao analisar o trabalho de Luiz de Aguiar Costa Pinto (1940) sobre as Migrações Internas no Brasil que as grandes correntes migratórias brasileiras estão ligadas à coexistência de economias regionais muito díspares: complexos da monocultura, centros industriais e economias de subsistência dividem o mesmo território.

Paul Singer compartilha de opinião semelhante ao afirmar que “a criação de desigualdades regionais pode ser encarada como o motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização nos moldes capitalistas” (SINGER, 1998, p. 36).

Outro mecanismo importante das migrações internas que deve ser bem definido é o das chamadas Redes Sociais, caracterizadas por Singer (1998) como “mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos” (SINGER, 1998, p. 57). Como observou Póvoa -Neto (1996), há uma tendência, nos momentos de crise, dos migrantes recorrerem ao apoio de redes informais de parentesco e amizade com outros migrantes, situadas nas áreas de recepção em diversas partes do território nacional.

Póvoa-Neto (1997) destaca também o papel das metrópoles como bases para uma complexa rede de itinerários de grupos migrantes, favorecendo tanto a fixação permanente do migrante no seu destino, como a migração temporária de indivíduos que mantêm movimentos constantes em busca de novas ofertas de trabalho.

## 2.1 As migrações internas durante a industrialização brasileira

É importante ressaltar as características da industrialização capitalista num país subdesenvolvido como o Brasil. Esta acontece inicialmente devido a arranjos institucionais que permitem a acumulação de capital e seu reinvestimento espacialmente concentrado nos processos industriais. Os fatores de produção são concentrados em pontos específicos do território nacional (próximos da matéria-prima, do mercado consumidor, ou dos modais de transporte), visando, sobretudo, a diminuição de custos.

Destaca Eunice Durhan (1973) que a industrialização do país teve forte impacto sobre as áreas rurais, uma vez que deteriorou as relações de trabalho vigentes nas áreas baseadas na subsistência. Assim sendo, a industrialização rápida nos moldes capitalistas pela qual passou o Brasil não só implica na criação de um fator de atração evidente nas áreas urbanas (sobretudo nas industriais, como Cubatão), mas também cria o fator de expulsão nas zonas rurais, bem como em pequenas vilas e cidades do interior, distantes do dinamismo econômico dos centros urbanos/industriais.

Deve-se levar em conta o contexto onde a economia brasileira passava por uma reestruturação através do [rápido] processo de industrialização por substituição de importações; e onde boa parte da população encontrava-se fora da economia de mercado, vivendo em condições de subsistência. Podemos concluir, portanto, que este *fator de mudança* teve um impacto muito grande sobre estas populações para colocá-las em situação de *migrantes-em-potencial*; uma vez que os *fatores de estagnação* já se faziam presentes há muito mais tempo, porém não necessariamente acarretavam em um intenso fluxo migratório.

Após a Segunda Guerra Mundial, conforme evidenciou Martine (1995), a modernização dos processos produtivos e das relações de trabalho alimenta a atração de migrantes para as cidades. Concomitantemente, a modernização dos sistemas de comunicação e viário proporcionaram um aumento das migrações inter-regionais.

Para fim de melhor evidenciar esse processo de concentração econômica em São Paulo no período, em detrimento da economia nordestina,

sobretudo, utilizamos dados levantados por Souza (1980) sobre a produção industrial brasileira, no quadro abaixo:

#### **Distribuição Percentual da Produção Industrial Brasileira:**

	<b>1907</b>	<b>1920</b>	<b>1938</b>	<b>1958</b>	<b>1965</b>
<b>Brasil</b>	100	100	100	100	100
<b>São Paulo</b>	16,5	31,5	43,5	55,0	57,6
<b>Guanabara</b>	33,1	20,8	14,2	11,4	9,3
<b>Outros</b>	50,4	47,7	42,3	33,6	33,1

Fonte: Rattner, H. – Industrialização e Concentração Econômica em São Paulo, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, Quadro I, p. 36 *in* SOUZA, 1980, p. 68

Essa tendência de concentração se manteve na década seguinte. Em 1970, a região Sudeste concentrava 79,1% do produto industrial brasileiro; e, em 1985, essa concentração cai pela primeira vez, mas ainda representava um enorme volume de 65,8% do produto industrial nacional (IBGE, Anuário Estatístico, 1992 *apud* NETO *in* AFFONSO & SILVA, 1995).

Fica evidente pelas informações acima, o crescimento exagerado da concentração da atividade industrial no Sudeste (em especial São Paulo) num período de quase 80 anos, paralelamente a uma queda da participação das outras unidades da federação na produção industrial no mesmo período.

Destaca ainda Souza (1980) que a política cambial e a limitação de importações no período pós-Segunda Guerra Mundial levaram a um empobrecimento e dependência do Nordeste em relação ao Centro-Sul.

O câmbio fixo fazia com que as exportações nordestinas se desvalorizassem mais do que os produtos industrializados do Centro-Sul que tiveram aumento na demanda devido às limitações de importações. Acarretando, na prática, em uma transferência de capitais do Nordeste para esta região, especialmente São Paulo.

Ademais, a diversificação da agricultura paulista, teve forte efeito no setor primário nordestino, sobretudo nas produções de cana e algodão.

Por consequência, estima o autor que, entre 1946 e 1960, São Paulo recebeu cerca de 1.664.690 migrantes internos (SOUZA, 1980).

Para concluir a análise do processo de migração interna brasileiro, é importante definir também o conceito marxista de Mobilidade do Trabalho, conforme apresentado por Gaudemar (1977).

Uma vez que estabelecemos que a produção de desigualdades regionais foi a grande motivadora do processo de migração interna no Brasil, podemos associar a esta uma crescente demanda por parte dos estabelecimentos capitalistas por uma oferta de trabalhadores “livres”, donos de sua força de trabalho “como mercadoria que lhe pertence” (GAUDEMAR, 1977, p. 189), e que esta seja tudo que possui. Esta força de trabalho deve ser consumida para gerar valor de troca para o capitalista, transformando dinheiro em Capital.

Dentro desse contexto de proletarização do trabalhador rural, a Mobilidade do Trabalho é a mobilidade produtiva, a capacidade do trabalhador para exercer diversas funções. E é a Mobilidade espacial da força de trabalho que permite que ela se desloque até a fonte da demanda. A capacidade de se deslocar no espaço do trabalhador livre é fundamental para permitir o desenvolvimento espacialmente concentrado da indústria capitalista (GAUDEMAR, 1977).

A esse processo de migração espacial e setorial do trabalhador podemos chamar também *circulação da força de trabalho* (GAUDEMAR, 1997, p. 194).

## **2.2 Papel das Redes Sociais no Processo Migratório**

Talvez o mais importante fator que define a direção do movimento migratório dos indivíduos migrantes, as redes sociais têm a função de amparar, orientar e abrigar os novos migrantes no seu destino. Ou, como descreveu com perfeição e precisão Verena Sevá Nogueira (2011), ao estudar a ação de redes sociais na migração de famílias camponesas nordestinas:

“Um sair da terra de origem que é realizado através das redes de parentesco, vizinhança ou amizade, tecidas no ir e vir dos migrantes, ou seja como ‘um trânsito inserido numa série de relações sociais’ (DURHAM, 2004 p. 185). Redes pelas quais se movem as pessoas e transitam remessas financeiras, notícias, ajudas e presentes, bens materiais e simbólicos enviados, recebidos e retribuídos no interior de um grupo de parentesco

espalhado por diferentes e muitas vezes longínquos lugares em relação à terra de origem” (NOGUEIRA, 2011 p. 186)

Como fica claro na fala da autora, essas redes sociais são fundamentais tanto para os *migrantes-em-potencial*, como para os que já migraram. Entre os migrantes que já saíram de sua terra natal, as redes sociais auxiliam os que pretendem se estabelecer em definitivo na área receptora, concedendo moradia, alimentação, indicação de empregos e, em muitos casos, auxílio na construção e reforma de moradias. Mecanismo similar tem as redes no auxílio de migrantes “itinerantes”, que não tem intenção de se estabelecer definitivamente num determinado lugar, mas que buscam amparo das redes de relações para buscar oportunidades de emprego em diversos lugares.

O papel das redes é determinante na escolha do local de origem. Inêz Peralta (1979), em sua tese de doutorado que aborda o impacto da industrialização sobre o desenvolvimento urbano de Cubatão já afirmava que os indivíduos quando decidem por migrar, estes “não se lançam no desconhecido, mas sim, seguindo o caminho trilhado por parentes e amigos” (p. 222). Assim, as relações sociais teriam papel tão – ou mais – determinante para a escolha do lugar de destino quanto as condições econômicas que este proporciona, “embora os dois aspectos formem linhas coordenadas” (p. 222).

Ainda sobre o tema, Peralta (1979) afirma que é fundamental a atuação de redes de amparo ao migrante recém chegado a um ambiente que lhe é estranho e, por vezes, hostil. Em suas palavras, “a possibilidade de obter emprego depende não só de se saber de sua existência, como também de conhecer o modo de disputá-lo ou de se qualificar para ele” (p. 225).

### **2.3 Histórico da Migração Nordestina para São Paulo**

Durante o século XIX e começo do século XX, o Estado de São Paulo presenciou sua economia crescer com base na atividade cafeeira. Com extensas faixas de terra desocupadas, de solos férteis e clima ameno favorável ao cultivo do valioso grão, os fazendeiros paulistas foram capazes de erguer um verdadeiro complexo agroexportador, tornando esta região na maior produtora nacional de café e, conseqüentemente a mais rica do país.

Com a crise financeira de 1929, e o início do fim do ciclo do café no Brasil, a economia paulista rumou para uma economia industrial, valendo-se principalmente da estrutura financeira e de transportes herdada do complexo cafeeiro.

Uma análise do Produto Interno Bruto do ano de 1939, em dados do IBGE, dá uma ideia do volume da concentração que havia em São Paulo: De um PIB de cerca de 44 bilhões de reais (em Reais do ano de 1999), destes, segundo Cano (1998), 31,2% correspondiam ao PIB paulista. Para fins comparativos, o PIB de todo o Nordeste brasileiro correspondia a menos de 17% do PIB nacional, enquanto a fatia correspondente a Minas Gerais estava na casa dos 10%.

Ainda segundo Cano (1998), a concentração era ainda maior (embora todavia seja até os dias de hoje) se for levado em conta apenas o PIB industrial, do qual 36,4% correspondiam a São Paulo; 8% a Minas Gerais; e somente 12,1% correspondiam a toda a região Nordeste do Brasil. Com a atividade industrial nessas duas localidades restringidas aos principais centros.

Uma vez evidenciado o diferencial econômico entre São Paulo e a região que compreende o Nordeste brasileiro e o Norte do Estado de Minas Gerais, fica evidente a caracterização de São Paulo como polo de atração de migrantes, dado o dinamismo de sua economia.

Migrantes que voltavam para visitar a família no Nordeste contavam histórias da prosperidade econômica em comparação com a miséria enfrentada na região pobre de onde vinham. Nas palavras de um migrante entrevistado por Paulo Fontes (2008) : “Quando eles voltaram, estavam com a boca cheia de ouro... Eles davam risada e você via o ouro clarear” (FONTES, 2008, p. 44).

Porém, a migração não era um fenômeno meramente espontâneo decorrente de um gritante diferencial econômico, este também passa a ser uma estratégia de Estado, conforme evidenciado por Paiva (2004) e Fontes (2008), quando descrevem com riqueza de dados e detalhes como o governo de São Paulo estabelecia contratos com empresas particulares (como a Cia. Itaquerê, a F. Sodrê Filho, e a Cia. de Agricultura, Imigração e Colonização) e agências estatais (destaca-se o Departamento de Terras, Colonização e Imigração e a Inspeção de Trabalhadores Migrantes, ligadas à Secretaria de Agricultura), que

agenciavam trabalhadores rurais para trabalhar, primeiro nas lavouras de café que experimentavam aumentos anuais de produção – embora esta não fosse absorvida pelo mercado externo, seu maior consumidor – e sua compra dependesse pesadamente do governo federal; depois na florescente indústria paulista, estabelecida definitivamente como principal atividade econômica do Estado no período pós Segunda Guerra Mundial, num fluxo que Paiva (2004) descreve como Rural-Rural-Urbano. O autor também dá destaque à uma política de “nacionalização da mão-de-obra” promovida pelo governo federal, que visava conter a entrada no país de trabalhadores estrangeiros, muitos dos quais tinham filiações políticas ditas “subversivas” (PAIVA, 2004, p. 35).

Em 1935, no governo de Armando Salles de Oliveira, essas empresas ofereciam subsídios para a viagem dos migrantes, como passagem, bagagem e um pequeno salário para a família. Estratégia que muda para as mãos do Estado em 1939, no governo do interventor Joaquim José Cardoso de Melo com a reformulação do Departamento de Terras, Colonização e Imigração e a criação da Inspetoria de Trabalhadores Migrantes. Nesse período, o governo paulista passa a agir diretamente para a atração dessa mão de obra barata vinda do interior do Nordeste e Norte de Minas Gerais, visando não só onerar menos o tesouro paulista ao deixar de pagar comissões às empresas privadas, mas também manter um maior alinhamento ao governo federal (PAIVA, 2004). O Governo de São Paulo incentivou a entrada, somente naquele ano, de cerca de 100 mil migrantes com destino, principalmente, às lavouras do Oeste Paulista (FONTES, 2008).

A estratégia era simples: a Inspetoria de Trabalhadores Migrantes possuía dois escritórios em Minas Gerais, um em Montes Claros e outro em Pirapora, ambas possuíam terminais da E. F. Central do Brasil, onde os migrantes que desciam o São Francisco em barcos a vapor eram selecionados e lhes eram dadas passagens para São Paulo, onde eram alojados na Hospedaria dos Imigrantes. Ali chegando, os trabalhadores e suas famílias passavam por um processo de triagem e realocação para as fazendas de café no interior do estado, fazendo uso da extensa malha ferroviária existente na época para ligar as áreas produtoras de café à capital paulista.

A estratégia foi tão eficiente que o número de migrantes chega na casa dos 400 mil no período compreendido entre 1941 e 1949, com o importante dado de, naquele ano, ter sido inaugurada a estrada Rio-Bahia, que serviria como um novo corredor de migração (FONTES, 2008). Migração essa de trabalhadores rurais que vinham majoritariamente de Minas Gerais (cerca de 50%) e da Bahia (cerca de 17%) (PAIVA, 2004). Porém, trabalhadores de toda a região do interior do Nordeste vinham a São Paulo, fugindo da séria depressão econômica que assolava a região, motivada em muito pelas consequências da seca sobre uma estrutura fundiária baseada em pequenas propriedades agrícolas de subsistência.

Paiva evidencia este quadro econômico do Nordeste ao levantar, mediante pesquisa de processos da Secretaria de Agricultura, que uma das exigências feitas para que os trabalhadores pudessem ser encaminhados à Hospedaria dos Imigrantes, era a “autorização do prefeito permitindo a saída dos respectivos do município” (PAIVA, 2004, p. 127), que seria concedida uma vez que sua migração não fosse danosa à economia local.

Porém, conforme o autor demonstra, essas autorizações raramente eram negadas, uma vez que o Nordeste brasileiro sofria com secas, além do baixo dinamismo dos outros setores da economia local.

As ações dos órgãos que promoviam este aliciamento de migrantes em estados mais pobres cessaram a partir dos anos 1950, porém estes não deixaram de migrar à São Paulo, o que demonstra que o fluxo, num primeiro momento institucionalizado, passa a ser espontâneo pela ação das redes sociais entre os migrantes já estabelecidos e os moradores de seus locais de origem.

### **3. AS MIGRAÇÕES E REDES MIGRATÓRIAS: O CASO DOS PERNAMBUCANOS EM CUBATÃO**

Uma vez evidenciado o contexto espacial que torna Cubatão um importante ponto de atração de migrantes em escala nacional, faz-se essencial evidenciar esse quadro através de uma análise dos dados demográficos do período em questão (1960-1991).

Para isso, buscamos sobretudo, dados dos Censos do IBGE a principal fonte de informações quantitativas sobre a população brasileira, primeiramente para evidenciar um fluxo intenso de migrantes na cidade, e, em seguida, indicar que o fluxo de pernambucanos para Cubatão era muito superior ao dos migrantes de outras partes do país.

Os dados dos Censos foram obtidos tanto diretamente do IBGE, como através de outros estudos demográficos de autores que estudaram o assunto.

### **3.1 A intensa migração para Cubatão a partir da década de 1960**

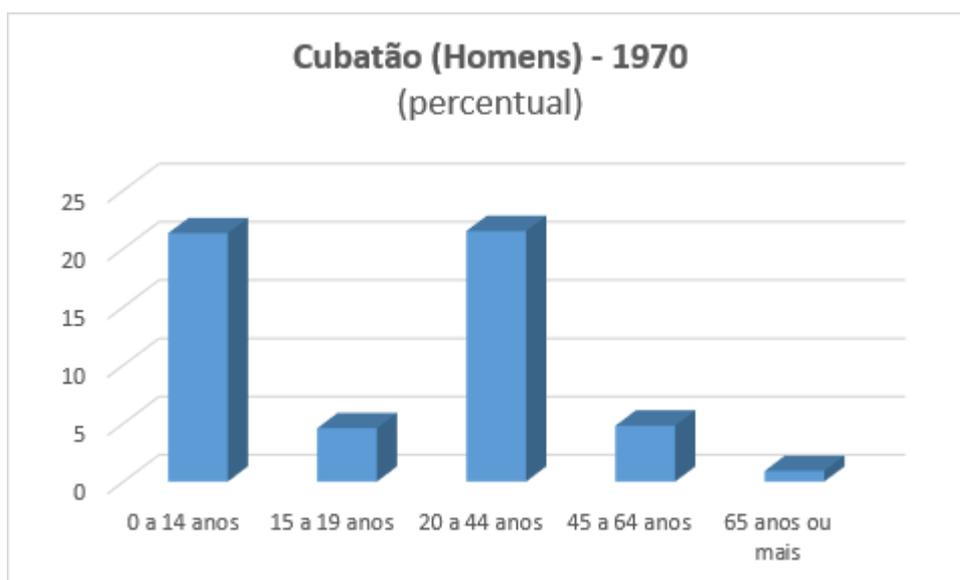
Uma vez que a maior parte das oportunidades de emprego para trabalhadores migrantes em Cubatão está no setor industrial e, principalmente, na construção civil, é de se esperar que o perfil típico do trabalhador migrantes em Cubatão seja de homens jovens e solteiros. Fato observado por Inêz G. Peralta (1979) em sua tese de doutorado, quando levantou dados do Censo Demográfico de 1970 do IBGE, em que constava que 53,5% da população cubatense era composta por homens, contra 46,5% de mulheres. Destaca a autora que “dentre os indivíduos que procuram o município vindos de outros estados sobressai o grande número de jovens, principalmente do sexo masculino” (p. 224).

Portanto, o primeiro dado a ser observado foi relativo à população masculina do município nos Censos dos anos 1970, 1980 e 1991.

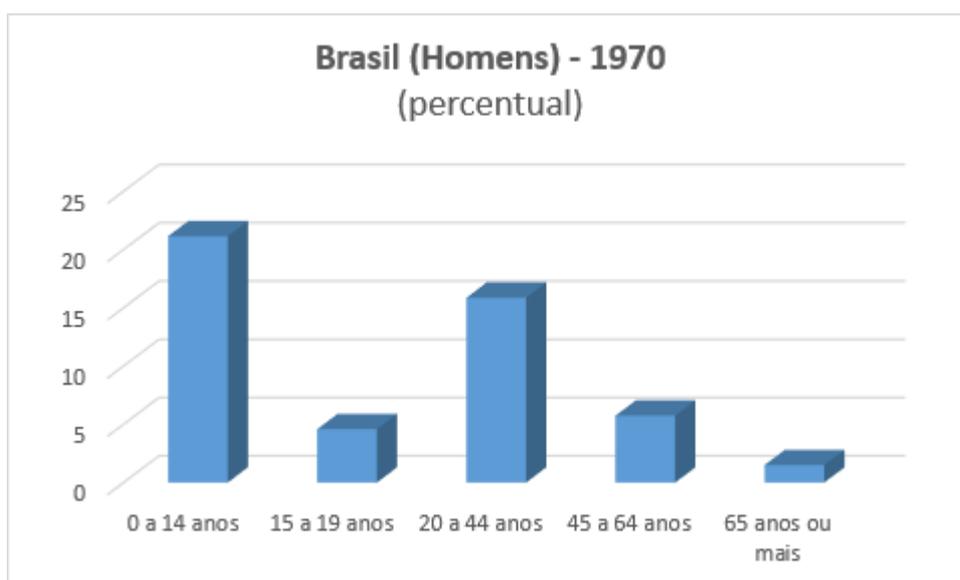
Para o Censo de 1970, já é evidente uma presença elevada de homens entre 20 e 44 anos de idade. Sabemos que durante os anos 1960 ocorreu a primeira etapa da construção da COSIPA, da qual participaram milhares de trabalhadores. Porém, como a construção se deu no começo da década, o Censo de 1970 não poderia ter captado a totalidade deste volume, uma vez que boa parte dos trabalhadores migrantes que residiam nos acampamentos e outros bairros da cidade já deveriam ter se mudado.

Interessante observar um dado levantado por Inêz Peralta (1979), com base no Censo Demográfico do IBGE do ano de 1970, em que 46,8% da população residente em Cubatão era nascida em outros estados. Evidenciando a forte migração para a cidade no período.

Os gráficos abaixo demonstram, respectivamente, o percentual de homens residentes no município e, para fins de comparação, na totalidade do território nacional.



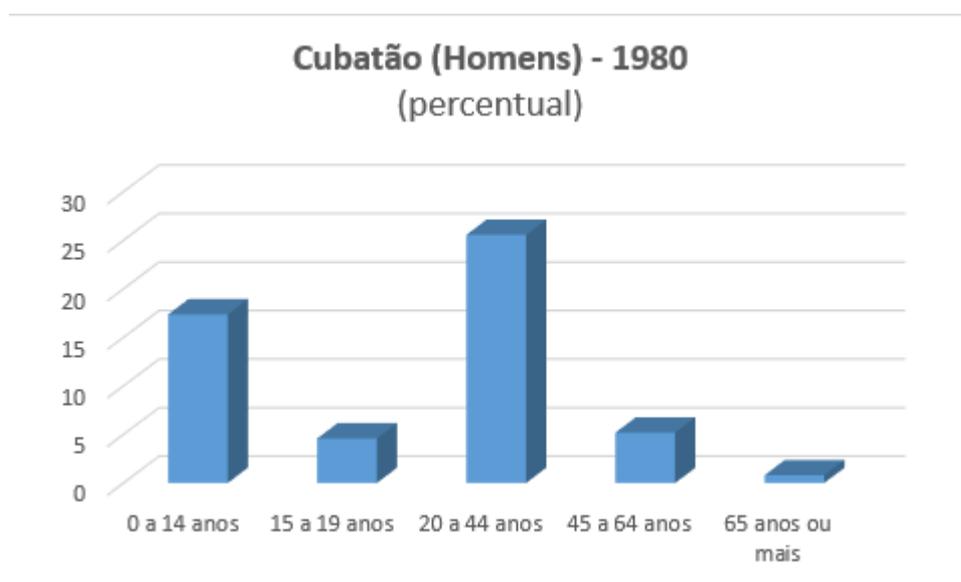
Percentual da população masculina residente em Cubatão/SP, por faixa etária. Fonte: IBGE – Censo 1970. Org.: Eduardo A. G. Argañaraz.



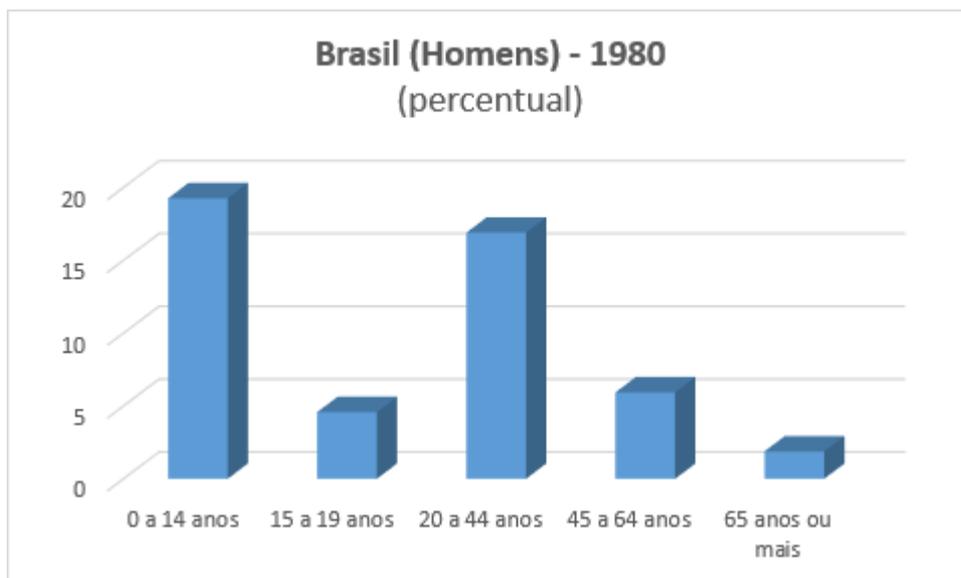
Percentual da população residente masculina no Brasil, por faixa etária. Fonte: IBGE- Censo 1970. Org.: Eduardo A. G. Argañaraz.

No censo do ano de 1980, é mais evidente a elevada presença de uma população masculina em idade economicamente ativa (sobretudo entre 20 e 44 anos). Representando os dados da década de 1970, não poderia ser diferente. Foi neste período que se construiu a Rodovia dos Imigrantes, bem como foi iniciada a principal ampliação da COSIPA, atraindo alguns milhares de trabalhadores para o município. Neste Censo observou-se que os indivíduos entre 20 e 44 anos eram o maior grupo na população masculina da cidade.

Esses dados podem ser interpretados como fruto da intensa presença de trabalhadores migrantes no município, conforme evidenciado pelos gráficos abaixo. Mais uma vez estão presentes os dados referentes à totalidade nacional para fins comparativos.



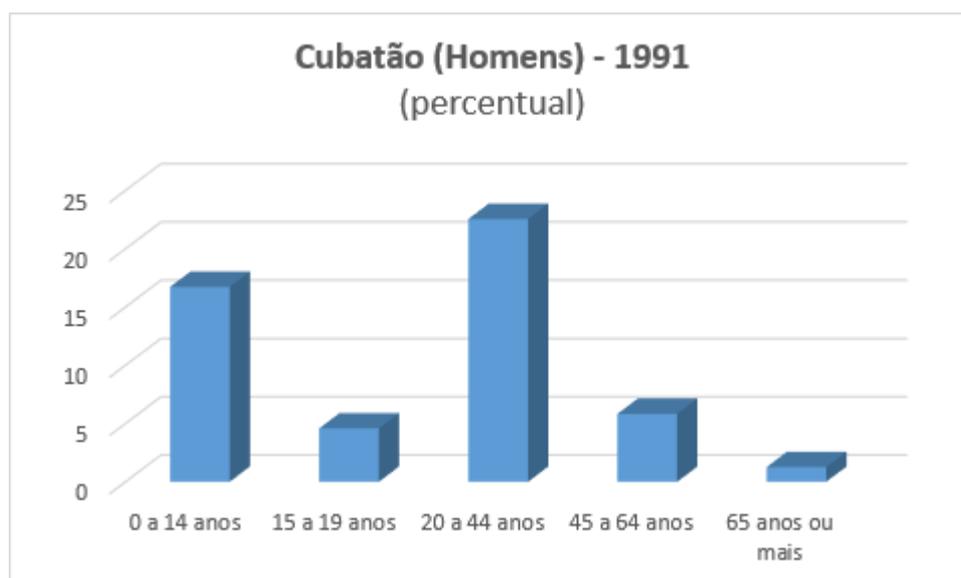
Percentual da população masculina residente em Cubatão, por faixa etária. Fonte: IBGE – Censo 1980. Org.: Eduardo A. G. Argañaraz.



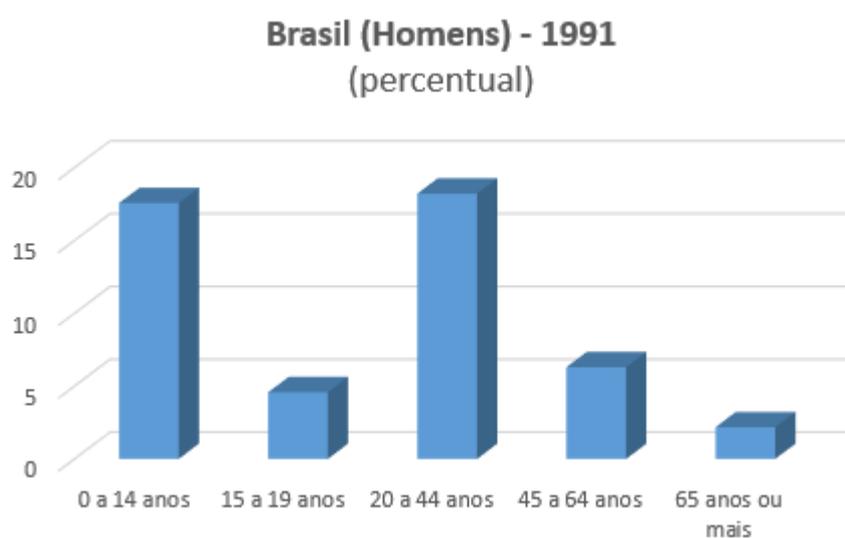
Percentual da população masculina residente no Brasil, por faixa etária. Fonte: IBGE-Censo 1980. Org.: Eduardo A. G. Argañaraz.

Os próximos gráficos, representando os dados do Censo de 1991 sobre a população masculina residente em Cubatão, ainda mostram uma forte presença de homens na faixa etária entre os 20 e 44 anos de idade, mas já não tão grande como na década anterior. Provavelmente devido ao menor dinamismo do polo, fruto da crise na década de 1980 que diminuiu drasticamente os investimentos no setor, criando assim menos oportunidades de emprego para trabalhadores migrantes.

Por outro lado, mostra um aumento significativo na participação de indivíduos em idade entre 0 e 14 anos, quadro similar ao nacional, conforme mostra o segundo gráfico. Desses dados podemos inferir que houve uma diminuição do fluxo migratório para a cidade, com o estabelecimento em definitivo de famílias migrantes levando a uma maior participação de indivíduos nascidos na cidade, culminando num quadro populacional mais parecido com o nacional.



Percentual da população masculina residente em Cubatão, por faixa etária. Fonte: IBGE – Censo 1991. Org.: Eduardo A. G. Argañaraz.



Percentual da população masculina residente no Brasil, por faixa etária. Fonte: IBGE Censo 1991. Org.: Eduardo A. G. Argañaraz.

### 3.2 Migração nordestina em Cubatão

Analisando os dados do Censo de 1980 levantados por Daniel Hogan (1990) em seu artigo sobre a seletividade dos efeitos da poluição sobre os trabalhadores do polo cubatense, foi possível levantar importantes dados sobre a migração nordestina no município.

A tabela abaixo, extraída do texto original, revela que, no Censo de 1980, metade da população cubatense entre 20 e 49 anos nasceu na região Nordeste,

enquanto apenas 24,4% eram paulistas natos. O inverso se dava entre os trabalhadores migrantes pendulares, entre os quais os percentuais de nordestinos e paulistas eram, respectivamente, de 26% e 57%, conforme apontou o citado autor.

Interessante notar também que a tabela mostra que 18,9% dos residentes na faixa etária eram de outros Estados do Sudeste (a maioria, provavelmente, de Minas Gerais).

Região	Residentes		Migrantes Pendulares	
	Nº	%	Nº	%
Norte	45	0,1	108	0,4
Nordeste	18.707	50,7	6.521	26,0
<b>SUDESTE</b>				
São Paulo	8.984	24,4	14.320	57,1
Outros estados Sudeste	6.964	18,9	2.461	9,8
Sul	1.460	4,0	742	3,0
Centro-Oeste	161	0,4	140	0,6
Outros estados Brasil	264	0,7	9	0,0
Estrangeiros	276	0,7	752	3,0
Sem resposta	23	0,1	8	0,0
<b>TOTAL</b>	<b>36.884</b>	<b>100,0</b>	<b>25.061</b>	<b>100,0</b>

Residentes e migrantes pendulares, por região de nascimento, população 20-49 anos, Cubatão 1980. Fonte: IBGE, Censo- 1980, Amostra de 25% in HOGAN, 1990, p. 20.

Outra evidência da importância da migração nordestina em São Paulo está na tabela seguinte, obtida do mesmo artigo (HOGAN, 1990), que revela que os migrantes dos anos 1970 no Estado de São Paulo eram 17,6% nordestinos, contra 67,4% da Região Sudeste. Enquanto em Cubatão o percentual de migrantes nordestinos em Cubatão chegava a 42,8%, enquanto os da Região Sudeste eram 46,3% do total.

	Estado de São Paulo	Baixada Santista	Cubatão
Nordeste	17,6%	23,3%	42,8%
Sudeste	67,4%	66,8%	46,3%

Migrantes dos anos 1970, por região de nascimento, Estado de São Paulo, Baixada Santista e Cubatão, 1980. Fonte: IBGE, Censo- 1980 in HOGAN, 1990, p. 23.

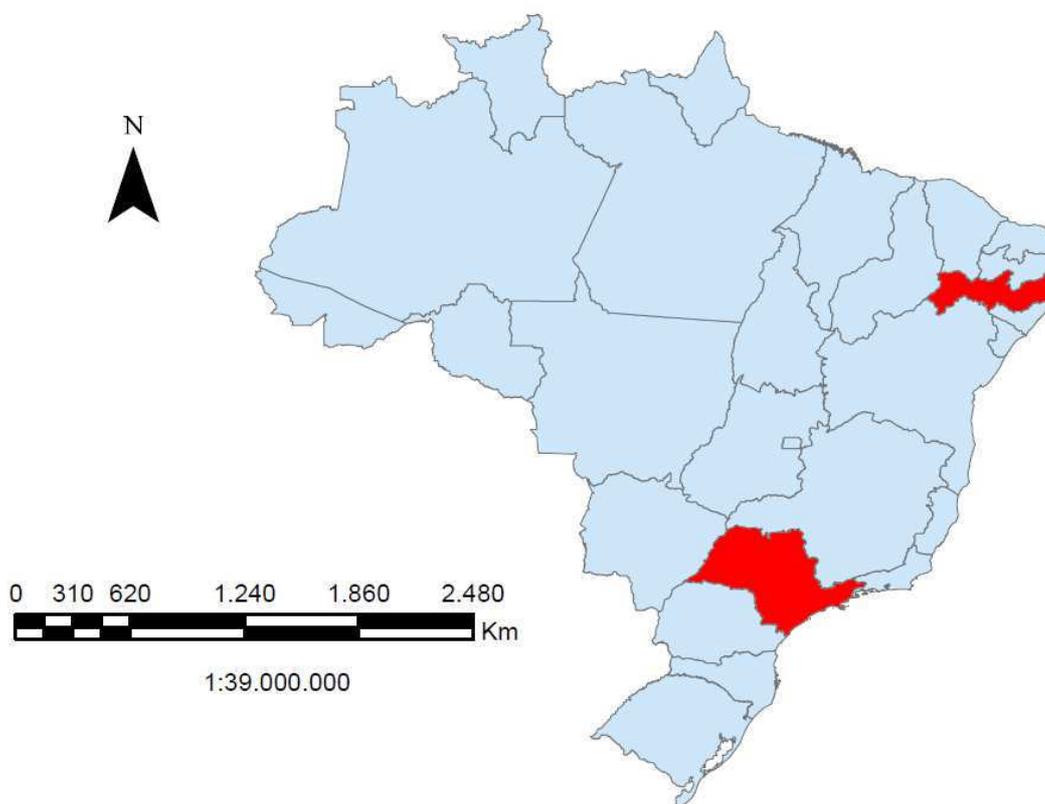
Um último dado levantado neste curto, porém rico artigo de Daniel Hogan, é uma comparação temporal (1960-1970-1980) da porcentagem de migrantes que chegaram ao município de residência nos últimos 12 meses, no estado de São Paulo, na Baixada Santista e em Cubatão.

Os resultados são inversamente proporcionais entre o Estado de São Paulo e a Baixada Santista e Cubatão. A partir destes dados pode-se deduzir uma diminuição da intensidade dos fluxos migratórios para o estado em geral. Enquanto isso Cubatão seguiu sendo um ponto de atração crescente no território nacional no período analisado.

	<b>Estado de São Paulo</b>	<b>Baixada Santista</b>	<b>Cubatão</b>
1960	11.5%	10.6%	11.9%
1970	10.7%	10.9%	14.7%
1980	9.6%	11.0%	14.8%

Proporção de migrantes que chegaram ao município de residência nos últimos doze meses, Estado de São Paulo, Baixada Santista e Cubatão. Fonte: IBGE, Censo 1980 in HOGAN, 1990, p.24.

### 3.3 Migração pernambucana em Cubatão



Mapa do Brasil destacando os estados de São Paulo e Pernambuco. Fonte: Base cartográfica do IBGE. Elaborado pelo autor.

Pudemos observar nos dados censitários apresentados anteriormente que a migração nordestina foi extremamente significativa no município de Cubatão. Porém, a análise de mais dados censitários levantados por Alberto Jakob em sua tese de doutoramento, sobre a constituição sócio-demográfica do espaço urbano da Baixada Santista (JAKOB, 2003), revelou que a hipótese inicial deste trabalho estava certa: Cubatão recebeu um volume muito grande de migrantes pernambucanos em relação aos outros migrantes nordestinos, principalmente entre os anos 1970 e 1980.

Na tabela seguinte (que não inclui a migração intrametropolitana), retirada da supracitada obra, o autor faz um levantamento da migração não metropolitana nos municípios da Baixada Santista segundo a Unidade da Federação de nascimento. É importante a presença nesta tabela dos outros municípios da Região Metropolitana para evidenciar que o volume que o fenômeno da migração pernambucana teve em Cubatão não possuiu paralelo nos outros municípios da Baixada Santista.

	Residência Atual	Local de Nascimento									
		SP	BA	PE	SE	MG	PR	RJ/ES	SC/RS	NE (- BA, PE, SE)	CO
1959- -1970	Cubatão	23,8	12,0	9,7	7,8	21,0	1,7	8,9	1,6	11,6	0,4
	Guarujá	48,3	10,9	5,7	3,7	5,5	1,4	2,6	4,5	11,6	0,4
	Distr.V.Carvalho	32,6	8,2	8,5	15,3	3,6	2,1	3,7	3,2	19,7	0,5
	Itanhaém	50,1	9,2	3,8	5,0	7,5	3,1	1,1	1,2	11,4	1,0
	Mongaguá	61,7	13,0	4,4	3,0	8,1	0,5	1,6	0,5	3,2	0,1
	Peruíbe	55,2	11,0	3,2	3,1	11,3	1,6	3,2	1,2	3,8	0,5
	Praia Grande	48,6	14,4	6,3	2,8	8,3	2,1	1,5	1,4	8,0	0,4
	Santos	35,7	8,4	5,3	9,7	8,4	3,2	4,9	4,6	9,1	1,0
	Distr.Bertioga	30,1	11,6	4,0	8,2	14,9	1,3	4,9	2,4	15,2	0,1
	São Vicente	52,7	7,8	5,7	6,1	6,3	1,9	2,5	2,3	7,3	1,0
	<b>Total RMBS</b>	<b>40,7</b>	<b>9,4</b>	<b>6,2</b>	<b>8,1</b>	<b>8,6</b>	<b>2,3</b>	<b>4,1</b>	<b>3,2</b>	<b>10,3</b>	<b>0,8</b>
1970- -1980	Cubatão	12,1	10,8	23,2	7,0	14,0	5,9	4,5	1,8	18,9	1,3
	Guarujá	24,2	13,0	9,5	5,5	7,4	3,2	3,7	4,2	25,1	0,8
	Distr.V.Carvalho	17,1	9,2	12,5	15,6	4,4	5,1	3,7	2,1	27,2	2,0
	Itanhaém	48,8	7,5	4,5	2,1	9,3	5,0	1,9	1,2	13,8	1,5
	Mongaguá	56,9	10,6	4,3	2,3	6,8	5,2	1,9	1,2	4,4	1,0
	Peruíbe	52,6	10,9	4,0	1,1	9,8	6,0	1,5	2,3	6,4	0,6
	Praia Grande	54,7	11,4	5,1	1,8	5,7	3,5	1,5	1,5	8,2	1,1
	Santos	36,2	8,3	6,8	9,0	6,9	5,1	4,0	3,5	13,3	1,4
	Distr.Bertioga	46,5	6,2	6,5	6,9	14,1	3,3	3,8	2,1	7,1	2,4
	São Vicente	42,2	9,9	8,3	5,7	7,3	4,9	3,4	2,1	11,5	1,1
	<b>Total RMBS</b>	<b>36,0</b>	<b>9,9</b>	<b>9,2</b>	<b>6,6</b>	<b>7,8</b>	<b>4,8</b>	<b>3,4</b>	<b>2,6</b>	<b>14,5</b>	<b>1,3</b>
1981- -1991	Cubatão	16,8	9,8	27,0	6,1	11,1	6,5	2,5	3,0	15,4	0,7
	Guarujá	24,2	13,1	12,0	6,1	4,6	3,0	3,4	2,8	27,8	1,1
	Itanhaém	61,2	6,2	5,5	1,8	7,6	3,2	1,6	1,0	8,9	0,7
	Mongaguá	61,2	10,5	4,9	0,6	7,4	3,3	1,2	1,5	2,8	0,2
	Peruíbe	57,9	7,7	5,2	1,5	9,8	3,7	1,0	1,4	7,9	1,0
	Praia Grande	58,3	10,1	4,4	2,3	5,2	3,4	2,4	1,3	8,4	1,1
	Santos	41,5	7,4	6,8	5,0	7,4	4,6	5,2	3,4	12,1	1,7
	São Vicente	41,6	9,8	9,2	6,2	7,1	3,4	3,1	1,7	14,1	1,0
	<b>Total RMBS</b>	<b>42,5</b>	<b>9,5</b>	<b>9,0</b>	<b>4,5</b>	<b>6,9</b>	<b>3,8</b>	<b>3,2</b>	<b>2,3</b>	<b>13,9</b>	<b>1,1</b>

(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".

Participação da imigração não metropolitana segundo UF de nascimento. RMBS, 1959-1991. Fonte: FIBG 1991. Tabulações Especiais in JAKOB, 2003, p. 54

Observa-se na tabela que (excluindo a migração dos naturais de São Paulo), enquanto nos anos 1960, a migração pernambucana era somente a quarta maior em Cubatão, atrás da migração dos Estados de Minas Gerais, Bahia e dos outros Estados nordestinos (excluindo-se Bahia, Pernambuco e Sergipe, os Estados do Nordeste com maior migração para a Baixada Santista) respectivamente. Chama a atenção neste período o volume da migração de mineiros para Cubatão, respondendo por 21% dos migrantes residentes no município no período.

Porém, na década seguinte – anos 1970 – a participação da migração pernambucana é catapultada para impressionantes 23,2% no município (mais de 6.200 indivíduos, dos 26.790 migrantes que residiam em Cubatão no período, número maior do que o de pernambucanos que residiam em Santos, cidade que mais recebeu migrantes); passando a ser, de longe, o principal fluxo migratório com destino à Cubatão.

Na década de 1980, este fenômeno se intensificou; apesar da queda em números absolutos, a participação da migração pernambucana para Cubatão chegou a 27% do total, quase duas vezes e meia a mais do que a participação da migração de mineiros (cerca de 4.100 indivíduos, dos 15.457 migrantes que residiam em Cubatão).

Importante ressaltar também a partir dos dados da tabela acima que, apesar da intensa participação da migração pernambucana e mineira em Cubatão, no contexto regional os dois grupos sempre estiveram atrás dos baianos em participação na formação da população da Baixada Santista.

Uma segunda tabela extraída da tese de Alberto Jakob (JAKOB, 2003) apresenta os dados sobre a migração para a Baixada Santista segundo o local de residência anterior, na qual é possível observar que a maior parte dos migrantes pernambucanos que chegaram a Cubatão tinham como local de residência anterior justamente o Estado de Pernambuco. A partir destes dados podemos concluir que Cubatão se apresentava, na maior parte dos casos, como o primeiro destino (embora não necessariamente o último) da população migrante pernambucana que sofria a pressão dos fatores de expulsão em seu local de origem.

	Residência Atual	Local de Residência Anterior									
		Intrametrop.	SP	BA	PE	SE	MG	PR	RJ/ES	SC/RS	NE(-BA,PE,SE)
1959-1970	Cubatão	-	37,1	9,3	7,5	5,9	16,2	3,1	10,5	1,1	7,7
	Guarujá	-	70,9	6,7	3,8	1,7	2,5	1,7	2,2	2,5	6,4
	Distr.V.Carvalho	-	57,2	4,0	5,1	9,4	1,7	2,8	3,3	2,2	12,0
	Itanhaém	-	71,8	6,2	1,8	2,6	3,7	4,5	0,2	0,2	6,8
	Mongaguá	-	85,2	3,2	1,1	2,5	3,3	0,9	2,4	0	0,3
	Peruibe	-	75,9	6,7	1,6	0,9	8,4	1,2	2,3	0,5	0,8
	Praia Grande	-	71,9	9,2	3,7	1,1	4,5	2,8	0,9	0,5	3,8
	Santos	-	46,8	6,9	4,4	8,4	6,4	3,7	5,5	3,9	7,0
	Distr.Bertioga	-	52,0	7,6	3,5	4,3	12,4	0	2,0	1,8	10,8
	São Vicente	-	75,2	4,1	3,4	3,3	3,3	2,1	1,7	1,0	3,9
<b>Total RMBS</b>	-	<b>58,6</b>	<b>6,2</b>	<b>4,3</b>	<b>5,7</b>	<b>5,8</b>	<b>2,9</b>	<b>4,1</b>	<b>2,2</b>	<b>6,6</b>	
1970-1980	Cubatão	13,4	19,2	7,4	18,0	5,3	9,5	6,2	4,7	0,9	12,6
	Guarujá	23,2	31,2	6,9	5,6	3,1	3,7	3,2	3,0	2,8	15,4
	Distr.V.Carvalho	24,2	19,9	5,7	7,5	9,5	2,7	4,8	3,1	1,6	18,1
	Itanhaém	14,8	54,2	4,8	1,9	1,0	5,4	4,6	1,4	0,6	9,4
	Mongaguá	20,4	61,7	5,9	1,3	0,4	2,6	3,7	1,0	0,1	1,5
	Peruibe	19,1	65,6	3,5	0,9	0,5	2,3	4,2	0,4	0,6	2,4
	Praia Grande	22,6	55,6	6,5	2,4	0,9	2,0	3,0	1,1	0,5	4,3
	Santos	9,5	40,2	6,3	5,3	7,4	4,2	5,1	5,0	2,5	10,0
	Distr.Bertioga	12,7	58,2	2,1	2,4	4,2	10,1	3,2	2,1	0,9	2,8
	São Vicente	47,6	29,2	3,8	2,9	2,5	2,5	3,0	2,0	0,8	4,3
<b>Total RMBS</b>	<b>24,2</b>	<b>36,9</b>	<b>5,7</b>	<b>5,5</b>	<b>4,2</b>	<b>3,9</b>	<b>4,1</b>	<b>3,0</b>	<b>1,4</b>	<b>8,6</b>	
1981-1991	Cubatão	20,9	23,2	7,1	17,2	4,0	6,9	4,9	2,6	0,7	10,9
	Guarujá	17,0	32,9	7,6	7,9	4,1	2,4	2,1	3,2	2,0	18,8
	Itanhaém	13,2	72,2	2,3	1,6	1,0	3,4	1,8	0,5	0,4	3,3
	Mongaguá	14,8	70,9	5,4	2,2	0,1	3,1	1,5	0,3	0,4	0,2
	Peruibe	12,0	68,6	3,7	1,7	1,0	4,4	1,9	1,0	0,2	4,9
	Praia Grande	37,3	48,4	4,0	1,6	0,8	1,4	1,3	1,0	0,4	2,8
	Santos	11,0	45,5	5,7	5,0	4,0	5,0	3,6	4,1	2,9	8,2
	São Vicente	51,3	27,6	4,1	2,8	1,8	2,4	1,2	1,9	0,5	4,9
<b>Total RMBS</b>	<b>28,8</b>	<b>41,1</b>	<b>5,0</b>	<b>4,6</b>	<b>2,4</b>	<b>3,2</b>	<b>2,1</b>	<b>2,2</b>	<b>1,2</b>	<b>7,3</b>	

(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".

Participação da imigração segundo local de residência anterior. RMBS, 1959-1991. Fonte: FIBGE, Censo 1991. Tabulações Especiais in JAKOB, 2003, p. 52

Os dados levantados ao longo das últimas páginas nos permitem concluir que, dentro de um contexto nacional, Cubatão se destacava como ponto de atração de força de trabalho em escala nacional, dado o tamanho da desigualdade socioeconômica característica do Brasil.

Esta desigualdade, que concentrou a maior parte do dinamismo econômico em território paulista, propiciou a formação de fluxos vindos de todas as partes do país em direção a São Paulo. Porém, o fluxo migratório Nordeste-São Paulo foi promovido ao longo de um processo histórico, que contou com a formação de meios técnicos e institucionais específicos para trazer este movimento populacional à uma escala sem precedentes na história e na geografia brasileira.

Dentro deste quadro de forte migração inter-regional, evidenciado pelos dados censitários, cabe buscar entender como foi possível que um fluxo específico – Pernambuco - Cubatão – tenha se intensificado tanto, ao ponto de Cubatão tornar-se, apesar da distância, um importante referencial para toda uma população que para ali migrou em busca de melhores oportunidades de crescimento pessoal.

Maior prova disso sendo que, hoje, segundo dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), a população nordestina ser 26,38% da população cubatense, e os pernambucanos 10,03%, o maior grupo migrante no município. Recordando que estes dados dizem respeito somente aos indivíduos nascidos na região nordeste e no estado de Pernambuco, sem contabilizar seus descendentes na cidade. De onde podemos deduzir que essa população, além de vender sua força de trabalho ao polo industrial da Serra do Mar, ali se estabeleceu e deu sua fundamental contribuição para a constituição da história, do espaço urbano, da sociedade e da cultura cubatense.

## **4. ENTREVISTAS: A HISTÓRIA ORAL**

Uma vez estabelecido o contexto histórico que caracterizava Cubatão como forte ponto de atração para migrantes de todo o país, coube entrevistar representantes da vasta comunidade pernambucana na cidade para entender melhor como se deu este processo em suas várias etapas.

#### **4.1 Local de origem, motivos da saída: o começo da vida de migrante**

Durante as entrevistas, o município de Surubim e arredores – como João Alfredo – destacou-se como a principal localidade de origem da população pernambucana do município. Embora ainda tenha se conversado com migrantes das regiões do Sertão e Zona da Mata pernambucanos.



Mapa do estado de Pernambuco, destacando a Mesorregião do Agreste (em vermelho) e o município de Surubim (em azul). Fonte: Wikipedia. Acesso em 20/01/2015. Org. Eduardo A. G. Argañaraz.

Localizada no Agreste pernambucano, na microrregião do Alto Capibaribe, Surubim é uma cidade cuja economia é caracterizada pela produção agrícola familiar em pequenas propriedades. Distante cerca de 120 quilômetros da capital pernambucana – Recife – Surubim era marcada por fortes fatores de expulsão, em particular os chamados fatores de estagnação (MARTINE, 1995). Tanto agrestinos quanto os sertanejos entrevistados revelam o mesmo quadro: propriedades pequenas para famílias muito numerosas, que periodicamente tinham que lidar com as consequências das secas, sem a estrutura adequada

ou o capital de giro para isso; problema agravado pela falta de opções de trabalho assalariado no município em momentos de maior dificuldade.

Léia, que migrou de Surubim para Cubatão no começo dos anos 1990, ainda tem muito viva a memória das dificuldades da vida no Agreste. O acesso a comida, roupas, e saúde são as maiores vantagens da migração para Léia. Ela conta que quando pequena, após ficar doente com pneumonia, teve que ficar internada em Recife, sua mãe só podia visitá-la uma vez ao mês, e no meio tempo, pela ausência de telefone, uma não tinha notícia da outra. Por outras duas ocasiões, ficou doente e teve que ir até o Recife.

A vida nos sítios do interior de Pernambuco não era fácil, segundo Léia. O pai trabalhava na construção civil em Recife, e só via a família aos fins de semana. A mãe alternava o trabalho na roça com faxinas em casas de família e lavagem de roupas. A migração para as capitais do nordeste sempre teve papel importante no interior nordestino. Pela proximidade, Recife aparecia como uma opção muito viável para o agrestino e o sertanejo buscar emprego para ajudar a manter a família. Mesmo assim, as dificuldades eram muitas, lembra:

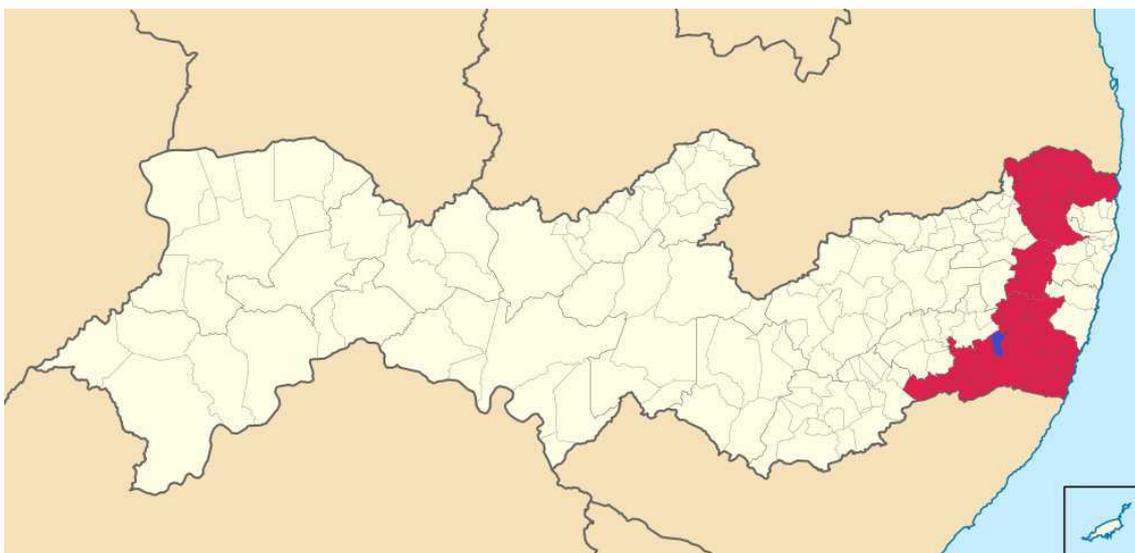
"Lá arroz minha mãe comprava e só chegava segunda. Fazia feira no sábado e o arroz só chegava segunda. O resto da semana a gente comia só feijão com farinha, melancia, se a galinha colocasse um ovo a gente comia (...) era uma manga a mistura da gente. De manhã a gente comia cuscuz com manga; de meio dia a gente comia feijão, farinha e melancia; de noite era um café com cuscuz e banana, alguma coisa assim. A gente comia carne só no final de semana (...) a não ser quando minha mãe ia trabalhar na casa de alguém, o que sobrava que o povo fazia a limpeza da carne aí tirava *aquelas gordura*, ela levava pra casa, fritava e a gente comia."

O pai de Seu Francisco, migrante de Salgueiro, no sertão pernambucano, e que estabeleceu-se com os pais e os 10 irmãos em Cubatão no começo dos anos 1970 não aparentava passar por tantas dificuldades, embora tenha sido categórico ao colocar a seca como o principal motivo da saída. Seu pai, um lavrador experiente era capaz de produzir um certo excedente que podia ser revendido, mas é importante observar que ele não precisava tocar a produção nas condições que a mãe de Léia vivia:

"meu pai plantava milho, feijão e arroz (...) tirava milho que dava pra comer o ano e vendia. Feijão que dava pra comer o ano e vendia depois. E arroz também. Meu pai colhia, guardava, quando chegava perto de ..., meu pai fazia isso, ele vendia só quando tinha o outro garantido, aí ele pegava e vendia. Ele vendia só quando ele via que a outra safra *tava* garantida".

Um quadro diferente é apresentado por Dona Marilene, migrante de Joaquim Nabuco, na Zona da Mata pernambucana, região marcada pelos grandes latifúndios produtores de cana de açúcar. A senhora, que chegou a Cubatão entre os anos de 1987 e 1988 conta que todos na cidade trabalhavam para a mesma usina de açúcar e álcool, de propriedade do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes. No entanto, a vida nos canaviais não era fácil, e o regime de trabalho remontava à escravidão. Em suas palavras:

"Lá é usina e eles trabalham ou de motorista, outros trabalham cortando cana (...) chama engenho lá. Porque tem a usina e o que fosse um bairro era um engenho (...) o usineiro era dono de tudo (...) quando eu era pequena não existia isso de direitos do trabalhador. A gente trabalhava como escravo. Não era fichado, não tinha direitos. Eles mediam um pedaço de terra pra você fazer aquele trabalho durante o dia, se você acabasse cedo amanhã eles davam outro maior, que era pra você trabalhar o dia todo. Sem direito a nada. Quando o Miguel Arraes entrou pra ser o governador, ele deu os direitos das pessoas. Não era fichado que nem é hoje. A gente assinava um contrato de 6 meses ou de um ano e, no final do contrato a gente recebia, como se fosse hoje uma rescisão, recebia por aquele contrato que a gente tinha trabalhado. Era pouquinho mas já ajudava. Depois eles pediram pra tirar carteira, aí começou a trabalhar o Funrural [Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural], quem trabalhava pelo Funrural tinha carteira assinada, mas não tinha direito ao INSS. Se ficasse viúva, a viúva procurava os direitos dela pelo Funrural, se fosse um operário, como um funcionário da Cosipa ou outra firma qualquer, o salário dela era pelo lado do INSS"



Mapa do estado de Pernambuco, destacando a Mesorregião da Zona da Mata (em vermelho) e o município de Joaquim Nabuco (em azul). Fonte: Wikipedia. Acesso em 20/01/2015. Org. Eduardo A. G. Argañaraz

Segundo Dona Marilene, a violência foi marcante na sua vida em Joaquim Nabuco e foi o principal motivo de sua saída, além da falta de assistência média – além das poucas perspectivas de melhora de vida e a má relação com o marido – foi o estupro seguido de morte de uma sobrinha, que traumatizou fortemente sua filha pequena. Dona Marilene migrou para Cubatão para procurar assistência psicológica para a filha. O marido não concordava com a viagem e os dois se separaram. Ela fez o trajeto sozinha com a filha.

Dona Marilene ainda viria a perder um filho – que tinha vindo para São Paulo antes dela – em Joaquim Nabuco, vítima da violência. O filho havia trabalhado em cidades da Grande São Paulo, antes de se juntar à mãe em Cubatão. Depois de uma desilusão amorosa, resolveu voltar para sua terra natal, onde foi assassinado, em circunstâncias não muito claras. O crime nunca foi investigado.

“O pessoal fala que a violência tá aqui, mas lá é horrível. O pior é que lá tem pistoleiro, que é pago pra matar”.

Porém, confirmando a contextualização histórica feita nos capítulos anteriores, foi durante os anos 1970 que se conheceu o auge do movimento de surubinenses (e migrantes de todas as partes de Pernambuco) para Cubatão, que vivia seu auge como ponto de atração.

Todos os entrevistados possuíam algum parente ou amigo na cidade; relembra Seu Souza, surubinense que chegou à Cubatão também nos anos 1970:

"parente nosso, amigos da gente, que vinha, aí trabalhava e voltava, falava 'Cubatão tem bastante emprego, vai ter condições de vida melhor' (...) muitos vinham aqui, trabalhavam um ano, voltava, ficava um tempinho, aí vinha trabalhava..."

Relato semelhante fez Rogério, migrante de Afogados da Ingazeira, no sertão pernambucano:

“tinha um irmão meu que já trabalhava aqui há um bom tempo. E eu tinha outros amigos que trabalhavam aqui nas indústrias em Cubatão e eles comentavam 'vamos pra Cubatão, que lá tem muita indústria e é um local que vai conseguir trabalho'”.

Entre os moradores mais antigos, aqueles que chegaram repetiram a mesma frase ao serem questionados sobre a oferta de empregos na cidade na época: “só não trabalhava se não quisesse”.

De fato, a demanda por trabalhadores nas colossais obras na cidade, principalmente de expansão da Cosipa e outras empresas do polo era tanta que é comum no folclore da cidade a imagem das peruas das empreiteiras que saíam nas ruas da cidade procurando pessoas para trabalhar. Diz José, migrante de Surubim que veio com os pais e irmãos no ano de 1976: "eles pegavam assim, falando a palavra nordestina, eles pegavam à laço".

Sobre a facilidade de conseguir emprego, Seu Souza relembra:

"existia, ali na rua São Paulo, as firmas vinham *prali*. Antes era de frente da própria Cosipa, ia quem quisesse, com a carteira (...) aí saía o pessoal dos escritórios e falava 'tô precisando de electricista', 'vem cá quanto tu tá pagando?', 'tanto...', o outro 'tanto...' eles faziam o salário mais ou menos iguais. Aí você entregava aquela carteira, eles faziam a permissão de entrada, *tu entrava*, ali eles pediam os documentos, já fichava (...) não tinha exame médico, nada. Tu já ia trabalhar, fazia o cartão de ponto (...) direto".

Rogério confirma a ação dessa rede informal de conterrâneos, vizinhos de bairro e colegas de quarto que movia as indicações dentro da área da Cosipa: "Você escolhia emprego. Um colega tá numa empresa (...), 'lá eles pagam mais, vamos pra lá' já um levava o outro. Fazia uma ponte".

Cabe um parêntese para entender como era o trabalho nas empreiteiras na época, como descrito pelas pessoas com quem conversei. Trabalhadores sem experiência na construção entravam na Cosipa como *ajudantes*. E subiam de função (como electricista ou operador de maquinários diversos) conforme preenchiam vagas que iam abrindo nas diversas empreiteiras que atuavam na Cosipa. O *conhecimento* se fazia necessário para saber das vagas rapidamente, antes que todas fossem ocupadas pela pressão das levas de trabalhadores que entravam na Cosipa todos os dias.

Ganhar a confiança dos superiores era fundamental, relembra Francisco: "o nordestino tem uma coisa boa: a palavra. Quando um nordestino fala, a palavra deles é importante". Essa fala pareceu particularmente importante, pois remeteu à Eunice Durham (1978) ao mencionar as relações não capitalistas que prevaleciam no campesinato nordestino sobre outras formas "formais" de contratos ou garantias.

Seu Souza destaca também que era muito fácil movimentar-se entre as empreiteiras da área da Cosipa:

"as vezes tu lá dentro (...) o cara chegava e falava 'ô, Souza! Pô, tu não quer vir, *nós tá* precisando de eletricista aqui, *nós paga* um pouco a mais' aí tinha muitos que já ia, pedia a conta lá dentro mesmo e passava pra outra firma".

Francisco, conta que, poucos anos após chegar à Cubatão – já com cerca de dezoito anos – conseguiu, por indicação de um cliente do posto de gasolina onde trabalhava, um emprego na Cosipa.

Comparado ao trabalho nas empreiteiras da área da Cosipa – por muitas vezes precário e perigoso –, ser um funcionário da siderúrgica implicava em possibilidades profissionais muito melhores.

Francisco conta que a Cosipa financiou seus estudos:

"eu me formei técnico na Cosipa, pago pela Cosipa. A Cosipa tinha um departamento de treinamento, onde a gente ficava 6 meses só estudando, direto, e fazia curso fora, no SENAI (...) pagava todo o estudo pra gente, pra gente se formar um técnico. Inclusive contratou um engenheiro da Ultrafertil pelo SENAI só pra ensinar a gente a ler desenho."

Mesmo Léia e Dona Marilene, que chegaram à cidade quando esta já vivia os dias de decadência do polo, possuíam conhecidos na cidade. Dona Marilene foi acolhida por uma amiga:

"uma amiga minha veio pra aqui, essa amiga minha eu tenho como se ela fosse minha irmã (...) eles agora moram em Campinas. Ela sabia que eu sofria muito com meu marido, e falou pra mim 'olha, Marilene, se tu quiser vir pra aqui eu arrumo um barraquinho e a gente vai morar junto'. Eu falei 'pode arrumar que eu vou'".

Léia por sua vez veio à cidade com 14 anos para ficar com seu – hoje – ex-marido, que já morava na cidade há um ano.

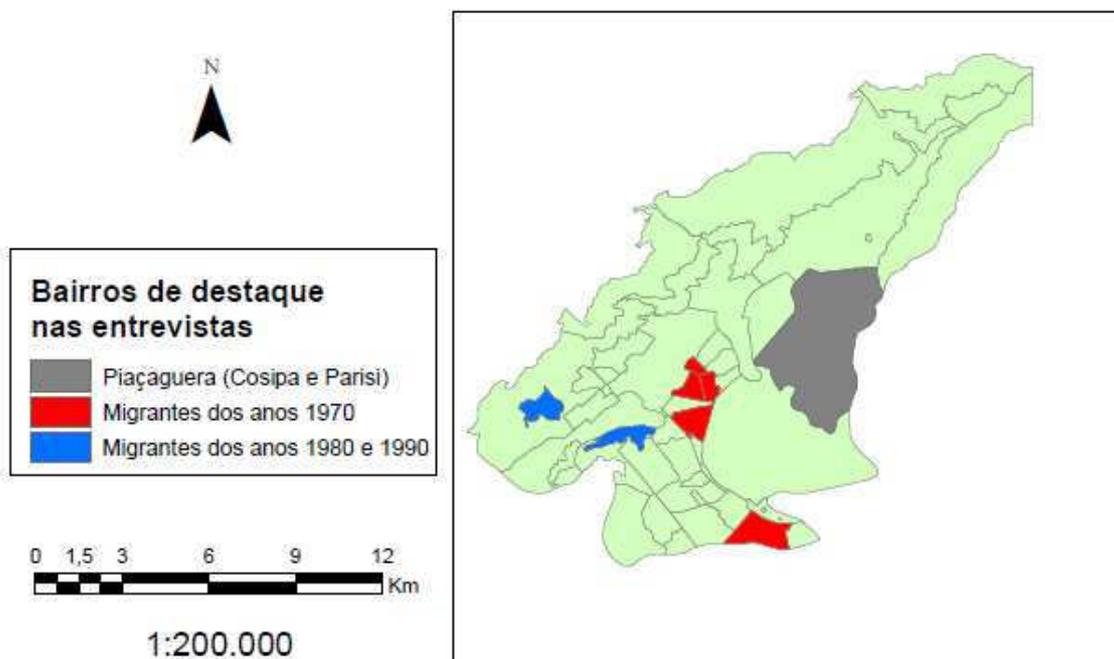
Ela conta que duas amigas vieram junto com ela e que lhe ajudaram muito nesse primeiro momento na cidade:

"na época viemos em três. Foi eu, minha ex-cunhada, e outra que ia ficar vizinha (...) aí nessa daí ficamos sempre só nós 3. A gente falava nossa mesma língua (...) o povo daqui, os mais novo ficavam zuando da gente."

O preconceito com nordestinos é algo que não foi relatado por nenhum dos outros migrantes, que chegaram em períodos anteriores.

Léia e Dona Marilene relatam um retrato diferente da cidade quando chegaram. Enquanto os homens que chegaram à cidade nos anos 1970 foram morar no núcleo urbano original da cidade, principalmente nos bairros da Vila Nova, Vila Parisi e Centro, as mulheres que chegaram nos anos 1980 e 1990

foram morar em favelas. Dona Marilene morou na Cota 200, na encosta da Serra do Mar, e Léia morou na Vila Esperança, numa palafita em cima do mangue.



Mapa destacando os principais bairros mencionados pelos entrevistados. À exceção do Jardim Casqueiro, ao sul, os migrantes mais antigos se estabeleceram nos bairros em torno do Centro.

Descreve Dona Marilene:

"quem *tava* em Pernambuco pensava assim: lá arrasta dinheiro com o rodo, vai ser fácil. Mas quando eu vim pra cá eu não sabia também que era frio, e a gente achava que São Paulo era '*São Paulo*', eram casas bonitas, um lugar bonito... Mas quando eu cheguei aqui era só barraco, ninguém via nada, era só aquela cerração. Eu chorava dia e noite (...) naquela época amanhecia o dia, aí caía aquelas bolinhas de gelo antes de cair a água. Pra quem vinha de um lugar quente, foi difícil".

O clima também foi uma dificuldade apontada por Rogério quando chegou à cidade: "Aquele época era muito difícil pro nordestino, porque nordestino é acostumado com o calor. Cubatão fazia um frio... naquela época fazia muito frio, era aquela garoa".

Outra constatação interessante foi a confirmação dos quadros demográficos observados anteriormente, em que a população masculina jovem prevalecia sobre todas as outras durante os anos 1970.

Rogério, que era funcionário da prefeitura conta sobre a Vila Parisi, bairro mais próximo da Cosipa:

"ali era um reduto de peão que pelo amor de Deus (...) o que dava de problema de briga, assassinato, ali era complicado. Eu cheguei a trabalhar no Pronto Socorro da Vila Parisi e ali final de semana, o plantão de final de semana, era pesado. (...) era atropelamento, esfaqueado, baleado... era um problema. Final de semana eles ficavam (...) em barzinho, padaria. As vezes ia em baile também. Eu, da minha parte, como eu toda vida gostei de baile, eu ia mais pra Santos. (...) Cubatão não tinha, tinha que ir pra Santos (...) naquela época era Miguel da Capela (...) tinha aquele Forró Zuando, tinha vários em Santos... mas Cubatão evidentemente era trabalhar."

Seu Souza confirma: "até eu falava brincando aqui: olha, a mulher que vier pra Cubatão e não casar... pelo amor de Deus! Eu sei que veio duas irmãs minhas e as duas arrumaram marido aqui!".

Sobre a vida dos homens solteiros na cidade, Seu Souza relata quadro semelhante ao que Paulo Fontes (2008) traça sobre São Miguel Paulista, no auge da Nitro Química. Ao começarem a receber salários, boa parte dos jovens, muitos camponeses que nunca tinham vivido relações capitalistas de trabalho, estes passaram a ter a possibilidade de algo que totalmente novo: o consumo.

"Pelo meu conhecimento, mandavam pouco dinheiro, alguns não mandavam é nada. (...) porque a maioria não tinha família, era solteiro". A esposa, Dona Marli, complementa: "a maioria é jovem, o jovem recebe e o que que faz? Dá uma de galã (...) recebeu, a farra comeu".

E diz que hoje o quadro não é muito diferente: "Eu trabalho aí nessas pousadas (...) hoje em dia chamam de pousada, mas é um alojamento melhorado. A [Padaria] Lisboa tem umas 6 pousadas, você vai lá hoje e quem não tá trabalhando é churrasco, cerveja..."

#### **4.2 A questão da moradia em Cubatão: se estabelecendo na cidade**

Como já observado, os migrantes que chegaram nos anos 1970 estabeleceram-se principalmente no núcleo urbano original da cidade, à exceção de Seu Francisco, que foi morar com a família no Jardim Casqueiro, por uma oportunidade rara naquela época: o pai havia vendido as terras no sertão e veio para Cubatão com o dinheiro da transação no bolso. Logo que chegaram ao Casqueiro, onde vivia seu irmão mais velho, encontraram uma casa para vender, onde a família se estabeleceu.

Rogério diz que não era difícil encontrar onde morar. Mas havia poucas opções para compra, prevalecia o aluguel: "naquela época parte de moradia não era fácil não. Tinha que ser na base do aluguel. Você tinha que pagar aluguel

pros portugueses”. Porém, diz que havia oferta de terrenos na Vila Nova: “naquela época você comprava um terreno, construía um barraco e começava por aí. A maioria dessas casas que estão aí na Vila Nova hoje são daquela época, o cara comprou um terreno e começou a construir uma casa e tá aí hoje”.

Porém, mesmo essa opção era difícil, Francisco comenta:

“eu perguntava como é que o cara conseguiu comprar uma casa, rapaz. Mas o cara falava numa dificuldade tão grande, esse pessoal que veio de lá, o sofrimento que eles tinham pra conseguir uma casa (...). Não tinha pra vender, pra construir você não tinha pedreiro. Pra você ter uma ideia aqui no Casqueiro tinha só dois pedreiros”.

Seu Souza também comenta a dificuldade que poderia ser alugar uma casa em Cubatão: “perguntavam: 'casal com filho ou sem filho?' - 'com filho' - 'não, não quero não’”. Durante sua vida em Cubatão, ele e a família moraram em seis bairros diferentes: Vila Parisi, Vila Nova, Morro do Pica-Pau, Costa Muniz, Jardim Nova República e Casqueiro.

Como já foi demonstrado, Léia e Marilene, que chegaram à cidade quando seu perímetro urbano original já estava mais do que saturado, tiveram opções ainda mais difíceis de moradia, vivendo em bairros periféricos mais distantes e com estrutura urbana ainda mais precária, ambos os casos invasões de áreas de proteção ambiental. Dona Marilene conta que a vida nas Cotas era difícil. Devido ao terreno acidentado e à falta de estrutura urbana do bairro, serviços e mercadorias não chegavam. Correios e gás eram raros e material de construção era deixado nas passarelas na beira da Anchieta onde os moradores podiam buscar sua encomenda. Quedas de barreiras e o descaso das autoridades eram ameaças reais aos moradores.

### **4.3 A natureza itinerante do trabalhador migrante**

Dentre os casos analisados, a maioria é de migrantes que vieram diretamente de suas cidades de origem, em Pernambuco, para Cubatão e lá permaneceram.

Porém dois fogem à regra e merecem ser comentados.

O primeiro é o de Seu Souza. Vindo direto de Surubim para Cubatão em 1974, atraído pelas histórias dos conterrâneos sobre o sucesso na cidade industrial da Baixada Santista, ele morou até 1982 em Cubatão, e nos dois anos

seguintes Seu Souza e a família mudaram de cidade por diversas vezes, acompanhando melhores oportunidades de trabalho.

Neste ano eles saem da Vila Nova, em Cubatão e voltam para Surubim. Seu Souza trabalha para a TENENGE (Técnica Nacional de Engenharia), no Recife, por três meses.

Ainda naquele ano, o casal se muda para o estado do Rio de Janeiro, voltando para Cubatão poucos meses depois. Moram em Cubatão por três meses, enquanto Seu Souza trabalha no Guarujá.

Ainda naquele ano a família volta para o Rio de Janeiro, onde ficam por mais um ano. Regressando para Cubatão em definitivo no ano de 1984. O filho Wagner comenta: "ou seja, nesse período de 2 anos eles mudaram de Estado umas 4 vezes, 3... "; e a mãe confirma: " é, meu filho, teu pai era assim, igual cigano, põe as trouxas e *vamo simbora*".

Um outro caso de itinerância é o de Rogério. Porém que ocorreu antes da chegada à Cubatão.

Rogério saiu de Afogados da Ingazeira aos dezessete anos, acompanhando um amigo marceneiro que trabalhava para uma empresa que construía casas populares.

Com essa empresa, Rogério trabalhou por 4 anos em diversas cidades do nordeste, como Caruaru, Surubim, Paudalho, Bezerros, Gravatá, Maceió, Feira de Santana e Salvador, até em 1971 chegar a Cubatão.

Os dois casos remontam à natureza itinerante da migração interna brasileira, onde, por muitas vezes, o trabalhador migrante não cria vínculos de pertencimento com a localidade, e segue em movimento para procurar outras oportunidades de emprego. Por muitas vezes, como é o caso destes dois senhores, o estabelecimento em definitivo ocorre visando o bem estar e a estabilidade dos filhos, principalmente.

#### **4.4 A decadência do polo: poluição, demissões, privatizações**

É notório na historiografia brasileira, que a depressão econômica pela qual passou o país nos anos 1980 cobrou um preço muito alto da população brasileira em termos de empregos, sobre tudo na indústria.

Durante a ditadura militar, Cubatão era área de segurança nacional, motivo pelo qual não havia informações concretas de acesso público sobre

qualidade do ar e água, e os impactos reais da poluição. Com isso, estabelecimentos industriais tinham total liberdade para agredir de forma irresponsável o meio ambiente, transformando a cidade num desastre ambiental vivo. Era a época do “Vale da Morte”.

Até hoje fala-se no município dos relatos de crianças que nasciam com anencefalia, e outras más formações. O auge do descaso culminou no desastre da Vila Socó, incendiada no ano de 1984 após o rompimento de um duto da Petrobrás no meio da madrugada, matando centenas de pessoas em poucas horas.

Sobre a poluição, Dona Marilene recorda que a infâmia da cidade já era conhecida em Pernambuco:

"A gente tinha umas informações de Cubatão que assustava. Quem *tava* em Pernambuco vinha mais pra Guarulhos, São Bernardo, aqueles lados... mas se falasse Cubatão ninguém queria porque era muito poluído aqui."

Com o fim da ditadura e a queda do status de Área de Segurança Nacional, as autoridades passam a exigir que as empresas do polo passem a adotar medidas de controle de emissões. Muitas fábricas não puderam arcar com esse custo e fecharam, ou deram início a demissões em massa.

José, também surubinense, conta:

"eles começaram a poluir muito o município, então teve muita indústria ali que fechou, porque elas não tinham condição de manter aquele esquema que o governo *tava* pedindo, que era antipolvente (...) a fábrica de adubo— eu trabalhei lá 10 anos na I.A.P. Fertilizantes— (...) ela teve uma queda, ela quase fechou (...) nos anos 80 ela mandou todo mundo embora. Ela tinha uns mil e poucos funcionários, se ficou 60, 70 funcionários pra manter a fábrica foi muito. Eu fiquei lá."

Mas o impacto mais duro sobre a cidade foi a privatização da Cosipa (hoje Usiminas) em 1993. Com a privatização seguiram-se as demissões e o fim das expansões, que empregavam milhares de pessoas no setor da construção civil.

Seu Francisco, que foi funcionário da Cosipa relembra com pesar essa época: "Nisso aí o governo do Estado de São Paulo foi omissivo. Não era pra ter deixado. Era um patrimônio do povo. Quando a Cosipa privatizou, entrou uma empresa lá fazendo uma auditoria e, de cara, mandou mandar 3 mil embora"

Ainda sobre as demissões ele comenta:

"A Cosipa demitiu todo mundo. Era só assinar e receber o cheque. (...) chorava homem e chorava mulher. Eu cheguei em casa e falei pra minha mulher 'não sei se foi pior eu ficar ou sair'. Você não aguentava de ver, era uma emoção muito forte"

Milhares de pessoas foram mandadas embora em pouco tempo. A maior parte dos funcionários da Cosipa ocupava há muitos anos funções extremamente especializadas, ligadas à atividade siderúrgica; não lhes restava opção de trabalho depois da demissão.

Seu Francisco teve seus anos de trabalho valorizados por seus superiores e não foi demitido. Aposentou em 2000 na Cosipa.

#### **4.5 Atualmente: percepção da cidade e relação com a terra natal**

Fato curioso observado ao longo das entrevistas são as diferentes percepções da realidade atual de Cubatão conforme o período de chegada dos migrantes ao município.

Os migrantes que chegaram à Cubatão durante os anos 1970, conheceram a cidade em seu auge, com fartura de empregos, pesados investimentos públicos e oportunidades de estabelecer-se com qualidade. A maior parte destes possui hoje uma visão negativa dos rumos que tomou Cubatão.

Francisco lamenta: "hoje a nossa cidade de Cubatão é muito triste, pelo dinheiro que ela arrecada, pelo roubo que o pessoal faz (...) isso me entristece muito. Quem viu a cidade naquele tempo, pra hoje, nossa!"

Rogério também comenta a queda nos salários da prefeitura. Quando questionado se ganhavam melhor naquela época ele responde:

"Eu lembro como hoje, quando eu entrei na prefeitura de Cubatão eu trabalhava numa empresa, eu ganhava 3 mil e quinhentos -na moeda da época- aí eu vim pra prefeitura de Cubatão ganhando 4.510. O que seria naquela época uma média de uns 8 a 10 salários mínimos. Hoje eu não ganho isso."

Por sua vez, Marilene, que chegou à Cubatão em uma de suas fases mais tristes, no ano de 1988, acredita que a cidade melhorou muito desde que chegou: "olha, eu acho que era muito feia. Hoje em dia tá melhor".

Léia, provavelmente por ser a migrante mais recente entrevistada, não vê muita diferença no quadro da cidade, embora veja muita evolução de seu

quadro pessoal. Ela segue trabalhando como diarista, e se mostra muito feliz de poder dar a seus filhos uma qualidade de vida muito melhor do que ela mesma teve na sua terra natal.

Dos homens entrevistados, a maioria se aposentou ou abriram seus próprios negócios na cidade. José, por exemplo, após aposentar-se na I.A.P. abriu junto com o irmão a oficina que leva o nome de sua cidade natal: Surubim.

Rogério, aposentou-se na prefeitura de Cubatão e hoje trabalha de forma autônoma:

"quando eu aposentei eu comecei a trabalhar com lingerie. Eu buscava no estado de Minas e vendia por aqui. Hoje eu trabalho com semi-jóias (...) o volume é pequeno, é mais fácil. E continuo trabalhando (...) faz bem pra saúde. Hoje eu trabalho, faço academia. Porque eu não consigo ficar parado."

Quando perguntados sobre sua relação com a terra natal, as respostas foram variadas. Dos moradores mais antigos, todos mantêm contato com familiares que ainda residem em Pernambuco. Porém, aqueles que chegaram mais novos à Cubatão não voltam há mais de vinte anos.

Sertanejos e agrestinos concordam que a vida melhorou muito desde que saíram de lá, sobretudo nos últimos anos. As famílias mantêm as terras até hoje, inclusive no caso de Francisco, que o pai vendeu as terras, um dos irmãos comprou-as de volta. Nenhum deles pensa em voltar um dia para morar.

Léia admite que ainda pensa em voltar, pois sente muitas saudades, mas não se sente à vontade em abandonar a melhor qualidade de vida à que seus filhos têm acesso morando em São Paulo.

Dona Marilene, depois das experiências traumáticas com a violência na terra natal e com problemas de coração, diz que não cogita voltar para Joaquim Nabuco, apesar de sentir saudades dos parentes e amigos. Ela volta com frequência para visitar os familiares, apesar de ainda sentir medo.

## **Considerações finais**

Ao fim desta pesquisa, que buscou compreender melhor as causas e feitos da migração pernambucana em Cubatão, pode-se chegar a algumas conclusões.

A primeira diz respeito a importância do fator locacional para o desenvolvimento industrial de Cubatão. Muito embora volumosos investimentos poderiam ter acontecido em qualquer lugar do território, como de fato ocorreram, Cubatão reunia todas as características ideais nos momentos certos para a implantação de um projeto nacional como foi a formação de seu polo.

A localização no território nacional como eterno ponto de passagem das riquezas na nação; a abundância de água garantida pelo regime climático da região que promoveu a construção da maior usina hidrelétrica do país em seu tempo; que teve seu projeto visionário viabilizado pelo relevo e geologia locais; que serviu de atração para a, então, maior refinaria do país; que serviu de atração para numerosas fábricas. Culminando em seu auge, quando estrutura industrial e viária estabelecidas no município, aliadas ao fator locacional na rede urbana nacional, permitiram a construção da Cosipa.

A seguinte diz respeito aos fatores de expulsão envolvidos no processo migratório de pernambucanos para Cubatão. Durante os anos 1970, quando chegaram a Cubatão boa parte dos migrantes vindos do interior de Pernambuco, a estrutura fundiária foi o fator primário de expulsão.

As famílias, apesar de possuírem terras próprias, estas eram pequenas e, quando afetadas pela seca eram incapazes de prover para as numerosas famílias (boa parte com mais de dez filhos) que trabalhavam nas roças da região.

Sem infraestrutura para lidar com seus efeitos, como acesso ao crédito, obras de irrigação, acesso a técnicas modernas de plantio em condições semi-áridas; somadas a uma forte pressão demográfica levou a um êxodo daquela população. O destino evidente era o estado de São Paulo, pelo contexto histórico já construído nos capítulos anteriores, de forte migração nordestina incentivada pelo estado paulista no começo do século XX. E no estado de São Paulo destacava-se Cubatão no momento como um dos maiores centros geradores de empregos no país naquele momento.

Assim pode-se concluir que os fatores econômicos envolvidos foram importantes em convergir para um quadro, em escala nacional, de desenvolvimento desigual entre o Nordeste e São Paulo: naquele momento, o Nordeste expulsava e São Paulo atraía. Isso permaneceu por muitas décadas do século XX, movendo populações de diversos estados e cidade para os mais variados pontos do estado de São Paulo. Naquele momento em particular (entre as décadas de 1970 e 1990) o Nordeste era representado, na sua maior parte, por Pernambuco, e São Paulo por Cubatão.

Outra importante conclusão a que se pode chegar foi o papel fundamental das redes sociais no processo migratório.

Inicialmente as redes diziam respeito aos moradores daquelas localidades no interior de Pernambuco que já haviam migrado para Cubatão e experimentado da prosperidade econômica que vivia a cidade. Ao compartilhar com seus conterrâneos essas histórias de facilidade de emprego e salário garantido, os migrantes veteranos alimentavam o imaginário e incentivavam aqueles que permaneciam na roça a buscar, mesmo que temporariamente, algum dinheiro em Cubatão com seu trabalho.

Uma vez que chegavam a Cubatão as redes já não eram mais apenas de conterrâneos. Outros tipos de vínculos de parentesco e amizades feitas na cidade eram fundamentais. Colegas de pensão, de quarto, companheiros de trabalho, vizinhos em Cubatão ou em Pernambuco, todos se ajudavam de alguma maneira e desfrutavam dos benefícios que a vida em Cubatão poderia lhes oferecer. Uma população acostumada e disposta a trabalhar duro, em uma terra que podia recompensá-los de maneira justa por isso. A rede se torna mais complexa, mas ainda são as relações pessoais que ajudam o migrante a buscar melhores oportunidades.

Depois que o *boom* econômico da cidade passou, a migração continuou, embora com muito menos intensidade. Muitos pernambucanos instalados na cidade ainda recebem parentes e conhecidos e os ajudam de alguma forma a conseguir emprego, embora todos os entrevistados sejam muito claros quando afirmam que as oportunidades são escassas, difíceis, e que cada vez observam menos o movimento de nordestinos para a cidade.

Dentre os objetivos que não puderam ser alcançados ou não tiveram espaço neste trabalho, creio que faltou uma compreensão mais aprofundada dos

fatores econômicos envolvidos. A estrutura administrativa da Cosipa, quais empreiteiras atuavam dentro daquela área, as dimensões dos valores envolvidos, entre outros.

Apesar de muitas informações sobre o tema estarem presentes nas entrevistas feitas – como menções às empresas e noções das dimensões –, números reais em fontes bibliográficas são escassos, quando existem. Talvez um trabalho de campo mais intenso junto às fontes históricas do município e das empresas poderiam revelar mais.

Um quadro atual mais claro dos locais de origem dos migrantes, que fosse além dos dados censitários e indicadores socioeconômicos, teria complementado de forma muito agradável esta monografia, muito embora demandasse um trabalho de campo à Pernambuco, que não foi possível quando do desenvolvimento da pesquisa. Porém os relatos dos migrantes que mantêm contato com as famílias ajudam a entender muito bem como segue a vida em suas terras natais.

De todas as formas, entre objetivos concluídos e aqueles que não foram atingidos, o trabalho cumpriu seu papel principal de agregar algumas páginas importantes para contar um pouco de uma parte fundamental da história de Cubatão, da vida e do trabalho dos que vieram à cidade em busca de uma vida melhor e a encontraram.

## Referências Bibliográficas

- CANO, W. Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1995. Campinas, UNICAMP, 1998.
- CORRÊA, Roberto L. A Rede Urbana. São Paulo: Ática, 1989.
- COUTO, Joaquim M. Entre estatais e transnacionais: O polo industrial de Cubatão. Tese de Doutorado, IE – Unicamp, Campinas, 2003.
- DURHAN, Eunice R. A caminho da cidade. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). São Paulo, FGV Editora, 2008.
- GAUDEMAR, Jean P. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Lisboa: Estampa, 1977.
- GOLDENSTEIN, Léa. Industrialização da Baixada Santista: estudo de um centro industrial satélite. São Paulo: IG, 1972.
- HOGAN, Daniel J. Quem paga o preço da poluição? Uma análise de residentes e imigrantes pendulares em Cubatão. IN: Encontro Nacional de Estudos Populacionais 7. Anais, Caxambu (MG), 1990.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2011.
- \_\_\_\_\_. Produto interno bruto dos municípios – 2012. IBGE, 2013.
- JAKOB, Alberto A. - Análise sócio-demográfica da constituição do espaço urbano da Região Metropolitana da Baixada Santista no período 1960-2000 - Tese de Doutorado - Campinas, IFCH/Unicamp, 2003.
- MARTINE, G. A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, R. B. A. e SILVA, P. L. B. (org.) Desigualdades regionais e desenvolvimento (Federalismo no Brasil). São Paulo: FUNDAP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

NETO, Leonardo, G. Desigualdades Regionais e Federalismo in AFFONSO, R. B. A. e SILVA, P. L. B. (org.) Desigualdades regionais e desenvolvimento (Federalismo no Brasil). São Paulo: FUNDAP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

NOGUEIRA, Verena S. Dádivas e redes: o processo migratório em famílias camponesas in MENEZES, Marilda A. e GODOI, Emilia P. (org.) Mobilidades, Redes Sociais e Trabalho. São Paulo, Annablume, 2011.

PAIVA, Odair da C.; Caminhos Cruzados: Migração e construção do Brasil modernos (1930 – 1950). São Paulo. EDUSC, 2004.

PERALTA, Inêz G. O impacto da industrialização sobre o desenvolvimento urbano de Cubatão. 1979. 307f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

PÓVOA-NETO, Helion. Itinerários da Mobilidade Garimpeira, 1996 in Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) et al. O Fenômeno Migratório no Limiar do Terceiro Milênio – Desafios Pastorais. Petrópolis, Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual, Novos desafios para a análise. Experimental, São Paulo, n.2 p. 11-24, 1997.

SANTOS, Álvaro R. dos. A grande barreira da Serra do Mar - Da trilha dos Tupiniquins à Rodovia dos Imigrantes. São Paulo: O Nome da Rosa Editora, 2004.

SINGER, P. Economia política da urbanização. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

SOUZA, I. de. Migrações internas no Brasil. Petrópolis; Natal: Vozes: Fundação José Augusto, 1980.